

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

MARIANA FERNANDES BERTO ROLLIN PINHEIRO

CIRCULT – PROPOSTAS PARA UM CIRCUITO CULTURAL EM NITERÓI A PARTIR
DA INTEGRAÇÃO DE SEUS ESPAÇOS

NITERÓI – 2014.1

MARIANA FERNANDES BERTO ROLLIN PINHEIRO

CIRCULT – PROPOSTAS PARA UM CIRCUITO CULTURAL EM NITERÓI A PARTIR
DA INTEGRAÇÃO DE SEUS ESPAÇOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado, como pré-requisito de conclusão do curso de Produção Cultural, ao Instituto de Artes e Comunicação Social, da Universidade Federal Fluminense ao professor Hélio Carvalho.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

P654 Pinheiro, Mariana Fernandes Berto Rollin.

CIRCULT : propostas para um circuito cultural em Niterói a partir da integração de seus espaços / Mariana Fernandes Berto Rollin Pinheiro. – 2014.

69 f.

Orientador: Hélio Jorge Pereira Carvalho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2014.

Bibliografia: f. 46-48.

1. Política cultural. 2. Niterói (RJ). 3. Turismo. I. Carvalho, Hélio Jorge Pereira. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD 338.47918153



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: MARIANA FERNANDES BERTO ROLLIN PINHEIRO	Matrícula: 110.33.019
Título do Trabalho: CIRCULT – PROPOSTAS PARA UM CIRCUITO CULTURAL EM NITERÓI A PARTIR DA INTEGRAÇÃO DE SEUS ESPAÇOS CULTURAIS	
Orientador: Me. Hélio Carvalho	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 12.12.2014

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Me. Hélio Carvalho
2º Membro: Me. Lúcia Bravo
3º Membro: Me. Flávia Lages

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário		
<p>A ALUNA APRESENTOU UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO COMPETENTE, COM UM PROJETO EXEQUÍVEL DEMONSTRANDO AMADURECIMENTO ACADÊMICO PROFISSIONAL.</p> <p>A BANCA DESTACOU QUE AS CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS REALIZADAS PELA ALUNA FORAM INTERESSANTES PARA OS OBJETIVOS TRAÇADOS.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):		
10,0 (DEZ)		
ASSINATURAS <u>Hélio Carvalho</u> 1º Membro (Presidente)	<u>Lúcia Bravo</u> 2º Membro	<u>Flávia Lages</u> 3º Membro

Ao Senhor meu Deus que me conduziu até aqui e me deu uma família maravilhosa que me apoia tanto. Ao meu amado marido Ricardo sempre tão paciente, aos meus pais Lilia e Nelson que me deram toda a base e estrutura para chegar até aqui. Aos queridos amigos, em especial Alexandre Garcia, Matheus Marques, (que estiveram comigo nos momentos mais marcantes sempre me fazendo rir muito), Barbara Barreiros (porque oramos muito uma pela outra) e Carla Campos (que me deu ótimas oportunidades e forte apoio).

“A persistência é o caminho do êxito.”

Charles Chaplin, ator.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – Conceitos Fundamentais e Aplicações Concretas	11
1.1. Política Cultural e Cultura.....	11
1.1.1 Sistema Brasileiro de Museus.....	15
1.1.2. Superintendência Estadual de Museus.....	16
1.1.2.1 Projeto MUSA.....	17
1.1.3. Sistema Municipal de Museus.....	18
1.2. Circuito Cultural	18
1.2.1. Outros Circuitos Culturais no Sudeste do Brasil	20
1.2.1.1. O Circuito Cultural de Vitória.....	21
1.2.1.2. O Circuito Cultural Paulista.....	22
1.2.1.3. O Circuito Praça da Liberdade.....	22
1.3. Gestão Cultural.....	24
CAPÍTULO II – Antecedentes e Motivações	26
2.1. Marco Referencial – Semana Nacional de Museus.....	27
2.2. Delírios Itinerantes da Boa Viagem e Rolézinho Cultural.....	28
2.3. Uma cidade, dois bairros, cinco prédios – 150 anos de história e arquitetura.....	29
2.3.1. Niterói.....	29
2.3.2. Ingá e Boa Viagem.....	30
2.3.3. Cinco equipamentos culturais e um passeio pela História.....	32
CAPÍTULO III – O CIRCULT	37
3.1. O que é CIRCULT.....	37
3.2. Propósitos Gerais e Específicos.....	38
3.3. Ações e Metas.....	39
3.3.1. Afirmar o CIRCULT como parte da política cultural da cidade.....	39
3.3.2. Firmar parcerias com secretarias municipais.....	40
3.3.3. Firmar parcerias com entes privados e promover ações de mobilidade.....	41
3.3.4. Painéis Históricos e Interatividade.....	42
3.3.5. Padronizar o Funcionamento dos Espaços Culturais.....	43

3.3.6. Incentivar exposições conjuntas.....	43
3.4. Metodologia.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
BIBLIOGRAFIA	46
ANEXOS E APÊNDICES	49
Anexo 01.....	50
Anexo 02.....	51
Anexo 03.....	52
Anexo 04.....	54
Anexo 05.....	56
Anexo 06.....	57
Anexo 07.....	59
Apêndice 01.....	60
Apêndice 02.....	61
Apêndice 03.....	62
Apêndice 04.....	62
Apêndice 05.....	64
Apêndice 06.....	68

RESUMO

Este é um trabalho sobre a integração de equipamentos culturais na cidade de Niterói, e que explora suas potencialidades e afinidades. São estudadas as unidades culturais abrigadas nos bairros do Ingá e Boa Viagem; A saber: O Museu de Arte Contemporânea, Museu do Ingá, Museu Antônio Parreiras, Museu Janete Costa de Arte Popular e Solar do Jambeiro. Ao analisar, conhecer e investigar a relação desses espaços entre si, elabora-se, entre outras, ações que estimulam o turismo local através das suas histórias, arquiteturas e programações.

Palavras-chave: políticas culturais; Secretaria Municipal de Cultura / Fundação de Arte de Niterói; gestão cultural; turismo cultural; apropriação.

LISTA DE SIGLAS

MinC – Ministério da Cultura

FAN – Fundação de Arte de Niterói

SNC – Sistema Nacional de Cultura

MAC – Museu de Arte Contemporânea

MJCAP – Museu Janete Costa de Arte Popular

MAP – Museu Antônio Parreiras

SBM – Sistema Brasileiro de Museus

CNM – Cadastro Nacional de Museus

CBMD - Cadastro de Bens Musealizados Desaparecidos

SGI - Sistema de Gerenciamento de Informações

IBRAM – Instituto Brasileiro dos Museus

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

INTRODUÇÃO

O projeto CIRCULT – PROPOSTAS PARA UM CIRCUITO CULTURAL EM NITERÓI A PARTIR DA INTEGRAÇÃO DE SEUS ESPAÇOS é uma proposta aprimorar o diálogo entre espaços culturais com proximidade geográfica que não possuem um núcleo de gestão em comum ou que não desenvolvam projetos em comum. CIRCULT é a abreviação do conceito circuito cultural e dispõe-se a ser um modelo que pode ser desenvolvido em quaisquer regiões com essas propriedades, sempre considerando o histórico e as particularidades de cada lugar a exemplo do que já acontece em outras cidades do país. Para este estudo foi escolhida a região do Ingá/ Boa Viagem e cinco equipamentos culturais abrigados nela. Portanto as propostas aqui apresentadas podem servir de subsídio para a própria prefeitura desenvolvê-lo.

Para maior compreensão da temática e dos embasamentos teóricos que norteiam este estudo, o trabalho foi dividido em dois momentos. O trabalho em sua primeira etapa discerne conceitos fundamentais, analisa como as políticas culturais, voltadas sobretudo aos museus e suas formas de gestão, acontecem na cidade e relaciona os espaços culturais abordados a partir de suas histórias e arquiteturas. Pesquisa bibliográfica, consultas, referências, suposições e diretrizes projetuais também constam nesta fase. No segundo momento são apresentadas sugestões a serem desenvolvidas na região a fim de melhorar a circulação e mobilidade de visitantes entre os espaços e envolvê-los com a história e arquitetura do bairro e da cidade.

A escolha do tema para o desenvolvimento deste trabalho surgiu da possibilidade de associação entre os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense e dos conhecimentos empíricos conquistados durante o tempo que integrei a equipe do Solar do Jambeiro, desenvolvendo a função de produtora cultural, num período que se iniciou em agosto de 2013. Neste sentido, o enfoque abordado para o estudo não teve como objetivo delimitar, mas facilitar a orientação da pesquisa, de acordo com a associação teórico-prática. Através da experiência adquirida, pude observar alguns aspectos na gestão de espaços que poderiam ser aperfeiçoados no sentido de não só atrair o público, mas causar um envolvimento dele.

Apesar de reconhecer a dificuldade em se tratar de um tema próximo, que parte de vivências pessoais, o trabalho pretende apresentar-se imparcial ao máximo, demonstrando não possuir nenhuma espécie de vínculo político ou partidário.

A região do Ingá/ Boa viagem, em Niterói, abriga cinco dos principais equipamentos culturais da cidade. A saber, são o Museu de Arte Contemporânea de Niterói – MAC Niterói, o Museu do Ingá, o Museu Antônio Parreiras, o Museu Janete Costa de Arte Popular e o Solar do Jambeiro. E embora estejam próximos, não trabalham com frequência de forma integrada; ainda não existe entre os equipamentos um permanente diálogo. Um dos sintomas disso é a centralização de visitantes a um dos museus, que não distribui seu público pelos demais equipamentos culturais.

Este trabalho propõe a integração desses espaços, que podem resumir a história da cidade e tem muita afinidade com Sistema Integrado Municipal de Museus, projeto da prefeitura. O reconhecimento da existência de uma política cultural estruturada no município de Niterói e o reforço das identidades dos equipamentos a partir da integração dos mesmos pode favorecer o turismo na região. Ao trajeto, entre esses equipamentos culturais, será proposto o nome CIRCULT BOA VIAGEM. CIRCULT vem a ser a abreviação do conceito Circuito Cultural que também será trabalhado no estudo.

Ao observar a relação que as unidades estabelecem entre si, ou seja, ao considerar seu nível de articulação, o projeto elabora ações que possam atrair o público niteroiense. Assim, espera-se que este público se reconheça e se aproprie desses espaços através de uma vivência afetiva, fomentando o turismo local e a fruição deste novo circuito cultural que se estabelecerá na cidade.

1. CONCEITOS FUNDAMENTAIS E APLICAÇÕES CONCRETAS

1.1. POLÍTICA CULTURAL E CULTURA

O estudo dos equipamentos escolhidos não pode ignorar a política cultural. A presença ou ausência dela nos diz como a gestão, por parte do poder público, atua sobre essa região. A conceituação da expressão “política cultural”, é algo em processo de construção, inclusive, por conta da pluralidade que gira em torno do termo “cultura”. Para o desenvolvimento de uma política cultural, sua definição acaba sendo primordial, pelo fato de que diferentes definições para o termo darão origem à elaboração de políticas culturais distintas.

O termo cultura carrega a ideia de diversidade e pluralidade. Na base dos variados conceitos está o entendimento de que a cultura possui traços distintivos, que nunca denota um conjunto universal, mas apenas um subconjunto com uma determinada organização. A importância do conhecimento acerca de uma conceituação de cultura se dá, sobretudo pelo fato de que ela acabará de certa forma, atuando como um reflexo no que diz respeito à elaboração de políticas culturais.

Em 2003, em seu discurso de posse, o então ministro Gilberto Gil marca um novo momento para as políticas culturais no Brasil. Uma visão que defende a conceituação ampla da cultura, considerando-a em sua dimensão antropológica; como a dimensão simbólica da existência social brasileira; como conjunto dinâmico de todos os atos criativos de nosso povo, aquilo que, em cada objeto que um brasileiro produz, transcende o aspecto meramente técnico. Cultura como um eixo construtor de identidades, espaço de realização de cidadania.

Falo de cultura não no sentido das concepções acadêmicas ou dos ritos de uma "classe artístico-intelectual". Mas em seu sentido pleno, antropológico. Vale dizer: cultura como a dimensão simbólica da existência social brasileira. Como usina e conjunto de signos de cada comunidade e de toda a nação. Como eixo construtor de nossas identidades, construções continuadas que resultam dos encontros entre as múltiplas representações do sentir, do pensar e do fazer brasileiros e a diversidade cultural planetária. Como espaço de realização da cidadania e de superação da exclusão social, seja pelo reforço da autoestima e do

sentimento de pertencimento, seja, também, por conta das potencialidades inscritas no universo das manifestações artístico culturais com suas múltiplas possibilidades de inclusão socioeconômica. Sim. Cultura, também, como fator econômico, capaz de atrair divisas para o país - e de, aqui dentro, gerar emprego e renda. (GIL, 2003).

Portanto, considerando o viés antropológico do conceito, aqui se entende cultura como fazer cultural, como algo vivo e latente que depende de trocas, de estar em movimento, como algo dinâmico. Logo aprecia a produção material e imaterial de indivíduos e grupos a partir de seus valores, comportamentos, sentimentos e desejos, conscientes e inconscientes. E ainda, explorar as potencialidades deste fazer cultural, “potencialidades inscritas no universo das manifestações artístico culturais”, atrai recursos, atrai turistas, atrai investimentos, gerando emprego, renda e autoestima.

Em relação aos equipamentos culturais de Niterói, já consagrados como espaços reservados para o fazer da cultura, não podemos nos referir a eles como objeto distante. Eles só fazem sentido, só fazem parte da memória da cidade e de sua história, só causam o sentimento de pertencimento, acusado no discurso de Gilberto Gil, se houver uma vivência neles por parte da população. Assim sendo, provocar isso é parte de uma política cultural¹.

Teixeira Coelho, em seu *Dicionário crítico de política cultural* define Políticas Culturais em seu verbete como:

Constituindo (...) uma *ciência da organização das estruturas culturais*, a *política cultural* é entendida habitualmente como programa de intervenções realizadas pelo Estado, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas. Sob este entendimento imediato, a política cultural apresenta-se assim como o

¹ Pesquisas recentes abordam o conceito como: programa de intervenções realizadas pelo Estado, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas. Muito embora, as necessidades da população não estejam pré-fixadas, nem são neutras, mas resultam da compreensão e do significado que os agentes atuantes nos campos político e cultural têm dessas necessidades e dos interesses envolvidos.

conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, visando promover a produção, distribuição e o uso da cultura, a preservação e a divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável (COELHO, 1997, p. 293).

Porém Alexandre Barbalho, em *Por um conceito de política cultural*, problematiza esta definição quando ela se refere à política cultural ²como “ciência”. Pois o objeto experimentado não seria tão singular a ponto de requerer elaboração de uma nova área científica. Questão que se adere a esse trabalho, uma vez que cultura não é um algo intacto e imutável, nem necessariamente acontece com frequência e regularidade da mesma forma, ou seja, o resultado final nunca é previsível, portanto não seria um objeto empírico como trabalhado no meio científico. Política cultural é abordada como um conjunto de intervenções práticas e discursivas no campo da cultura, e estas intervenções não são “científicas”, pois uma experiência cultural pode ser aplicada em lugares diferentes sem que se alcance o mesmo resultado. Há neste objeto uma multiplicidade de efeitos.

No entanto, as significações que pretendem guiar uma determinada política cultural podem e devem ser objeto de pesquisas e reflexões científicas segundo o local de onde se observa. Por exemplo, o estudioso deve avaliar aquela situação a partir de um olhar histórico ou antropológico ou artístico ou até mesmo agrupando várias áreas (o que vem a ser mais adequado, uma vez que o objeto transcende as delimitações acadêmicas tradicionais). O importante dessa discussão é perceber que o assunto não está inserido em um saber específico, em uma ciência exclusiva denominada “política cultural”, pensar assim pode limitar o tema.

Ainda sobre o verbete de Coelho, é válido trazer para o debate o caráter que se atribuiu às políticas culturais como “programa de intervenções”, “conjunto de iniciativas” para indicar os objetivos e os agentes que participam das políticas culturais. Uma definição semelhante, porém resumida foi elaborada por Néstor García Canclini:

Los estudios recientes tienden a incluir bajo este concepto al conjunto de intervenciones realizadas por el estado, las instituciones civis y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o transformación social. Pero esta manera de caracterizar el ámbito de las políticas culturales necesita ser

² Outra nomenclatura: Políticas de Cultura

ampliada teniendo en cuenta el carácter transnacional de los procesos simbólicos y materiales en la actualidad.³ (CANCLINI, 2001 apud RUBIM, 2007, p.40).

Consideradas estas questões, de acordo com Barbalho, políticas culturais vem a ser o conjunto de propostas, planejamentos e formulações de curto, médio e longo prazo, que podem ser construídas e executadas pela iniciativa privada, pelo poder público, por movimentos organizados da sociedade civil, por instituições não governamentais, entre outros. São o conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, que desenvolvem ações de planejamento organizativo e/ou estruturantes voltadas a determinadas formas de ação no campo cultural. Essas ações buscam promover a produção, distribuição e o uso da cultura, a preservação e a divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável.

Portanto, também para Barbalho, os programas de intervenções e os conjuntos de iniciativas não se dão de forma consensual, mas resultam de uma relação de forças culturais e políticas, de acordo com o entendimento e interesse destes agentes. Sendo assim, podemos afirmar que nenhuma política cultural é neutra. Ela sempre partirá de um lugar, conceito e interesse, constituindo-se assim como um campo de conflitos e disputas.

Segundo Evelyn Furquim Werneck Lima, um patrimônio cultural não se constitui somente de bens móveis ou imóveis, sejam públicos ou privados, mas de manifestações que em alguma época possam ter contribuído para a consolidação da identidade de um grupo social. A percepção afetiva da população local deve ser sempre refletida no processo de investigação de um bem a preservar. Preservar e restaurar bens não significa cristalizá-los, pelo contrário é justamente a forma de revitalizar o uso dos bens preservados sem retirar seu significado. (LIMA et al, 1992, p.65).

Ao defendermos os museus como parte importante deste patrimônio, não se deseja uma gentrificação⁴, mas sim uma museologia social⁵. Ou seja, uma museologia afinada com questões sociais, que empenha um papel social importante, que envolve a sociedade.

³ Os estudos recentes tendem a incluir este conceito ao conjunto de intervenções realizadas pelo estado, pelas instituições civis e pelos grupos comunitários organizados a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para um tipo de ordem ou transformação social. Mas esta maneira de caracterizar o âmbito das políticas culturais necessita ser ampliada levando em conta o caráter transnacional dos processos simbólicos e materiais da atualidade.

Diante da amplitude desta percepção e da temática, o recorte mais afinado com este trabalho vem a ser o de políticas públicas de cultura, visto que nem toda política cultural é pública, ou seja, nem toda política cultural parte do setor público; E que é entendido como papel do poder público tanto valorizar as minorias como conservar e estimular o acesso a espaços já reconhecidos. Como o foco do trabalho está na integração de espaços culturais, acima de tudo museus, veremos algumas políticas culturais voltadas a este setor, partindo do governo federal até chegar aos municípios.

1.1.1. Sistema Brasileiro De Museus⁶

O Sistema Brasileiro de Museus – SBM., é um marco na atuação das políticas públicas voltadas para o setor museológico, onde cumpre uma das premissas na Política Nacional de Museus. Criado em 2004, só veio a entrar em vigor em 2013 pelo decreto nº 8.124. tem por finalidade facilitar o diálogo entre museus e instituições afins, objetivando a gestão integrada e o desenvolvimento dos museus, acervos e processos museológicos brasileiros. Além disso, propicia o fortalecimento e a criação dos sistemas regionais de museus, a institucionalização de novos sistemas estaduais e municipais de museus e a articulação de redes temáticas de museus.

Para participar do SBM cada museu deve realizar seu cadastro no Cadastro Nacional de Museus – CNM, que se constitui em um instrumento para integrar o campo museal brasileiro, por meio da coleta, registro e disseminação de informações sobre museus. Lançado em março de 2006, o CNM já mapeou mais de 3.200 instituições museológicas em todo o país. O Cadastro Nacional de Museus (CNM) é uma fonte ampla e atualizada de informações sobre museus. Formado por uma série de pesquisas periódicas, possui entre seus objetivos o aprofundamento do conhecimento sobre o campo museal.

⁴ Do inglês "gentrification". Não consta nos dicionários de português. É o fenômeno que afeta uma região ou bairro pela alteração das dinâmicas da composição do local, valorizando a região e afetando a população de baixa renda local. Enobrecimento urbano.

⁵ Baseada na pedagogia crítica de Paulo Freire

⁶ Informações conseguidas através do site institucional, disponível em < <http://www.museus.gov.br/sistemas/sistema-brasileiro-de-museus/> >, acesso 29/11/2014.

Seus dados vêm sendo utilizados para o aprimoramento de políticas públicas voltadas ao setor, sobretudo após a estruturação de duas publicações: o Guia dos Museus Brasileiros e Museus em Números. Esta última constitui o primeiro estudo estatístico de âmbito federativo, com recortes de análise nacional e estadual sobre museus.

Igualmente tem sido a principal fonte de informação e auxílio à divulgação das instituições museológicas brasileiras em nível internacional. Seus dados embasam pesquisas acadêmicas, periódicos internacionais e organismos multilaterais relacionados ao setor museal.

Ao se cadastrar no SBM, a instituição entra em um banco de dados e de trocas de informação. O Cadastro de Bens Musealizados Desaparecidos (CBMD) reúne informações sobre itens desaparecidos de acervos pertencentes aos museus. O cadastro tem como objetivo possibilitar o rastreamento, a localização e a recuperação desses bens. A criação de uma base de dados nacional relativa aos bens de museus é um passo importante no combate aos roubos de bens culturais. O objetivo é coibir o comércio ilegal de arte brasileira.

O Sistema de Gerenciamento de Informações – SGI é um sistema que proporciona ao IBRAM transparência, agilidade e controle de suas ações administrativas por meio da consulta e do acompanhamento de documentos produzidos e/ou recebidos pela instituição.

1.1.2. A Superintendência Estadual de Museus⁷

A Superintendência de Museus (SMU) foi criada, em abril de 2008, com a incumbência de estabelecer e promover, em museus e instituições do estado, políticas públicas voltadas para a preservação do patrimônio e da memória. Dessa forma, valoriza a diversidade cultural e orienta, em caráter técnico, ações de gestão, comunicação, pesquisa e educação.

Desde que a SMU foi criada vem buscando expandir contatos com as áreas federal, estadual e municipal, estreitando o relacionamento com diversas instituições e participando de discussões em vários municípios fluminenses. Tem orientado ações, apoiado a qualificação e auxiliado a elaboração de diagnósticos da área cultural, estabelecendo uma rede fluente de diálogos e de cooperações. Nos próximos anos, a instituição pretende consolidar uma

⁷ Informações conseguidas através do site institucional disponível em <<http://www.cultura.rj.gov.br/superintendencia/superintendencia-de-museus>> acesso, 01/12/2014

política para a área museológica que permita ampliar ainda mais as ações junto às unidades da Secretaria de Cultura, bem como prestar apoio técnico e conceitual no desenvolvimento de outras instituições atuantes, preocupadas com a abrangência e a gestão de suas ações.

Isso permitirá ampliar o acesso aos bens culturais, preservando a memória e construindo cidadania. Pretende também ampliar as discussões na área, com profissionais de diversos campos de atuação (museólogos, antropólogos, historiadores, filósofos, educadores, gestores etc) a fim de trazer à tona o pensamento contemporâneo do campo museológico.

Entre os eixos estratégicos de atuação da Superintendência está a Difusão de Bens Culturais, responsável por programas e projetos de circulação, ampliação, estímulo e produção de estudos e pesquisas que divulguem a memória fluminense. Outro eixo é Memória e Cidadania, que estimula a prática de atividades voltadas para o fortalecimento da memória como meio de interação social.

Existem, ainda, as seguintes linhas: Preservação do Patrimônio Cultural, que estimula a preservação dos bens culturais por meio da documentação, da conservação e de ações integradas; Modernização da Gestão, que elabora planos museológicos, adequando-os aos novos modelos de gestão pública, o que inclui ações de estímulo à criação de instrumentos legais de gerenciamento, como conselhos, estatutos, planos e fundos para museus; Formação e Fortalecimento de Redes e Sistemas que integram as instituições museológicas, por meio de ações transversais e multidisciplinares.

1.1.2.1. Projeto MUSA

O projeto MUSA foi desenvolvido pela Superintendência de Museus da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro com o objetivo de disponibilizar gratuitamente para os museus do estado um sistema de gerenciamento de acervos museológicos (Sisgam) , totalmente online. O projeto contou com especialistas em tecnologia da informação para, a partir de uma catalogação padronizada e digitalização desses registros, possibilitar uma busca integrada nos acervos dos museus que compõem a rede. Será possível visitá-los pela internet e promover exposições virtuais com peças guardadas em museus de todo o estado. O MUSA possibilitará também a gestão dos acervos museológicos, uma ferramenta importante de segurança e controle. No ANEXO 04 do trabalho constam mais informações deste projeto.

1.1.3. Sistema Municipal De Museus

A Prefeitura de Niterói, através da Secretaria Municipal de Cultura e da FAN, seguindo uma orientação do Ministério da Cultura (MinC) e da Secretaria Estadual de Cultura está criando o Sistema Integrado de Museus de Niterói, em parceria com o Instituto Brasileiro dos Museus (IBRAM). Visto que a cidade possui grande variedade e concentração de museus e espaços expositivos, o sistema tem como objetivo integrar espaços museológicos e centros culturais federais, estaduais, municipais e particulares da cidade, promovendo diálogo entre esses locais.

Esta iniciativa pretende aperfeiçoar a sinalização para os museus, organizar seus horários de funcionamento e agendas, facilitar o diálogo entre as instituições, promover o compartilhamento dos acervos, mostras conjuntas e atividades museológicas, além de melhorar o entorno das unidades. Há a intenção de construir uma reserva técnica compartilhada, num terreno que pertence a prefeitura, ao lado do Museu Antônio Parreiras. Esta reserva vai permitir, a todos os interessados, acesso ao acervo dos museus de Niterói. Em entrevista concedida (APÊNDICE 05), Victor de Wolf, superintendente cultural da FAN, fala mais a respeito da reserva técnica e das novas diretrizes do governo na esfera cultural.

O Sistema Municipal de Museus de Niterói é projeto visionário e pioneiro na cidade, que já abraça necessidades, sobretudo museológicas, dos espaços, embora a proposta não se limite a museus - o sistema abrange salas de exposição, centros culturais, casas de cultura e galerias . Ainda que notável a sensibilidade do governo municipal neste sentido, não se apresentou publicamente ainda um material dizendo como ou quais ações práticas serão implementadas.

1.2. CIRCUITO CULTURAL

Circuito Cultural é um conceito que se vale basicamente da união dos termos circuito e cultura. Circuito carrega consigo a ideia de ligação de pontos. Cultura, como já mencionado anteriormente no tópico 2.1., é para nós um processo de construção da identidade.

O uso do conceito de “circuito cultural” como peça fundamental deste trabalho tem pelo menos três aspectos norteadores. O primeiro, de acordo com Frederico Barbosa, reconhece que os dinamismos da cultura são múltiplos e que devem ser tratados em suas especificidades. Processos identitários devem ser tratados de formas diferenciadas. O segundo aspecto é enfatizar que os “circuitos culturais” são fenômenos sociais que envolvem, ao mesmo tempo, as dimensões simbólica, estética, social e econômica. E o terceiro é que um circuito carrega a ideia de ligação de pontos (que aqui seriam os espaços culturais), de circulação (visitantes/turistas/ público), de conexões (relação entre os espaços e com os espaços).

Podemos dizer que a cultura é formada por uma rede de circuitos, caracterizados por: capilaridade, mobilidade, descentramento, múltiplas articulações e interdependências. A cultura é, então, o conjunto móvel e dinâmico de processos políticos, sociais, simbólicos, econômicos etc ., associados aos circuitos culturais. (BARBOSA, p 277)

Circuitos podem ser identificados no momento de produção, circulação/transmissão e recepção (consumo ou reconhecimento). Podem ou não envolver um fluxo de eventos realizados por agentes culturais (intervenções, teatro, da dança, audiovisual, artes plásticas, literatura, cultura popular, etc.) e se articular por diferentes formas de organização social: administração pública, mercado e/ ou sociedade civil/comunidade, que pode também ser um agente cultural⁸.

Portanto um circuito cultural vai acionar e associar sistematicamente agentes culturais e instituições que regulam a comunicação entre eles, seja na forma de trocas monetárias e simbólicas ou na produção de regras. Importante aqui é que a comunicação deve ser vista como um processo de coordenação do fluxo das ações e que a diversidade cultural indica a necessidade de uma multiplicidade de políticas culturais, cada uma delas com desenhos e formas de ação específicas e arranjos institucionais variados, ora organizados pela sociedade, ora pelo Estado ou pelos mercados.

Também, segundo Barbosa, a coordenação ou comunicação dos agentes culturais entre si e as instituições reguladoras torna-se a questão central das políticas públicas, já que envolve

⁸ É aquele que, envolve-se com a administração das artes e da cultura, criando as condições para que outros criem ou inventem seus próprios fins culturais. Atua mais frequentemente, na área da difusão, portanto mais junto ao público. Organiza exposições, mostras e palestras, realiza pesquisas de tendências, estimula indivíduos e grupos, entre tantas outras possibilidades. Podem ser artistas, gestores, grupos sociais...

padrões de ação do setor público com relação ao dinamismo dos circuitos culturais e ao encadeamento dos eventos que formam os circuitos. A cultura é, então, o conjunto móvel e dinâmico de processos políticos, sociais, simbólicos, econômicos etc., interdependentes associados aos circuitos culturais.

Uma concepção parecida com a de circuito cultural, foi a idealizada na década de setenta no Rio de Janeiro, chamado Corredor Cultural do Rio de Janeiro. Que em função de uma explosão do crescimento urbano, foi motivado pelas construções modernas da época que destoavam do centro histórico. O projeto tratava-se do primeiro projeto de preservação da área central do Rio de Janeiro, elaborada pela Câmara Técnica e a Equipe Técnica, da qual fez parte Ítalo Campofiorito que elaboraram e definiram os primeiros projetos, estratégias de intervenção, instrumentos legais e a concepção de preservação do Projeto Corredor Cultural.

O Corredor Cultural consiste em um projeto de preservação e revitalização do Centro do Rio de Janeiro que observa a preocupação quanto ao futuro de espaços tradicionais da cidade.⁹

O projeto foi impulsionado pela concepção de que a crescente hegemonia das atividades financeiras vinha provocando um desgaste progressivo das funções originais da região central do Rio. Assim, a intenção de conservação eclodiu na década de setenta. Conduzida por associações de bairro contrárias a deterioração da cidade e ao descaso com que era tratado o patrimônio arquitetônico.

As atividades de manutenção da memória histórica adquiriram expressividade no Rio de Janeiro, cidade apreciada pelas belezas natural e arquitetônica, que parece conjugar de forma harmoniosa o passado e o presente. Os cafés do centro da cidade são exemplo de lugares preservam a memória histórica e reinscrevem o Antigo no Moderno. No entanto, este corredor cultural, serve apenas como referência para o projeto CIRCULT, pois o foco do primeiro é a preservação e do segundo a integração de edifícios culturais.

1.2.1. Outros Circuitos Culturais no Sudeste do Brasil

Embora este trabalho tenha sido desenvolvido a partir da participação e observação gestão dos espaços culturais do Ingá e não ter partido ou se inspirado em nenhum projeto semelhante, ao

⁹ CORREDOR CULTURAL DO RIO DE JANEIRO: UMA VISÃO TEÓRICA SOBRE AS PRÁTICAS DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL Evelyn Furquim Werneck Lima

longo da pesquisa foram encontrados outros circuitos culturais com características semelhantes às aqui indicadas.

É importante dizer que existem diversas formas de se elaborar um circuito cultural. Há circuitos voltados para áreas específicas, para integração de campos artísticos, para integração de espaços, para comunidades através de oficinas. Enfim, temos diversos exemplos de como trabalhar este tipo de projeto. Aqui escolhemos alguns, que estão na região sudeste do Brasil, para destacar as variadas demandas que podem ser abrangidas por este tipo de projeto.

1.2.1.1. O Circuito Cultural de Vitória¹⁰

O Circuito Cultural de Vitória, oferece aos moradores a oportunidade de conhecer os fundamentos de algumas manifestações artísticas. Neste circuito são oferecidas oficinas gratuitas a moradores acima de cinco anos, em áreas como música, teatro, dança, artes plásticas, vídeo, fotografia, desenho, literatura e capoeira.

Para participar, não é necessário conhecimento anterior e as inscrições e materiais são gratuitos a todos os participantes. A maioria das oficinas conta com aulas à noite ou nos finais de semana, para envolvimento do público adulto nas atividades. Os frequentadores das oficinas também realizam visitas técnicas a espaços culturais e a turmas do Circuito de outros bairros. Na Escola Técnica Municipal de Teatro, Dança e Música, na Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), em museus e teatros, eles assistem a espetáculos profissionais, o que fortalece o intercâmbio do artista amador com o profissional. A ação, associada às visitas aos outros alunos do Circuito, facilita a troca de experiências entre as comunidades.

Outra iniciativa deste circuito cultural é o Instrumentart, que consiste no ensino de congo em alguns Centros Municipais de Educação Infantil por mestres de bandas de congo de Vitória. Assim, as crianças conhecem as características de um elemento marcante da cultura do Espírito Santo e da capital.

O período e local das inscrições, os documentos necessários, o número de vagas disponível, as opções de oficinas e outros detalhes são informados à população principalmente através do portal da Prefeitura de Vitória.

¹⁰ Informações obtidas através do site institucional <http://www.vitoria.es.gov.br/prefeitura/circuito-cultural-leva-oficinas-artisticas-aos-bairros>

1.2.1.2. O Circuito Cultural Paulista ¹¹

O Circuito Cultural Paulista é um programa do Governo do Estado de São Paulo que visa promover a difusão cultural descentralizada. Por meio da realização de espetáculos em diversas linguagens artísticas em cidades do interior e litoral, busca atuar na formação de público e no acesso da população à diversidade artística. O projeto leva espetáculos de circo, teatro, dança e música para 105 cidades do interior e do litoral de São Paulo. São oito meses de atividades culturais gratuitas, cerca de 840 atrações programadas ao longo do ano. Cada cidade recebe uma atração por mês. O programa é executado pela organização social de cultura Associação Paulista dos Amigos da Arte (APPA).

Podemos dizer que o foco deste circuito é a difusão artística e cultural e embora busque formação de público não se dedica ao envolvimento dele no fazer artístico. Para este circuito o cidadão é mero espectador e consumidor de cultura, o que não é necessariamente um problema, mas tende a reforçar uma linha pensamento que distancia o indivíduo do entendimento que cultura está no fazer.

1.2.1.3 O Circuito Cultural Praça da Liberdade¹²

O Circuito Cultural Praça da Liberdade fica localizado na região centro-sul de Belo Horizonte é, atualmente, o maior conjunto integrado de cultura do país. Ao todo, são doze espaços e museus em funcionamento, todos com entrada gratuita: Arquivo Público Mineiro, Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, Casa Fiat de Cultura, Centro Cultural Banco do Brasil, Centro de Arte Popular Cemig, Centro de Formação Artística – Cefar Liberdade; Espaço do Conhecimento UFMG, Horizonte Sebrae – Casa da Economia Criativa, Memorial Minas Gerais Vale, Museu das Minas e do Metal, Museu Mineiro e Palácio da Liberdade. Além destes, outros cinco espaços já estão em processo de implantação: a Casa do Automóvel, o

¹¹ Informações obtidas através do site institucional

<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.77e50ae1b029060df6378d27ca60c1a0/?vgnnextoid=10ecb23eb2a6b110VgnVCM10000ac061c0aRCRD&idEquipamento=ca0abf584b3f7210VgnVCM2000004d03c80a>

¹² Informações obtidas através do site institucional

<http://circuitoculturalliberdade.com.br/plus/modulos/conteudo/index.php?tac=historia&layout=conheca> e material de pesquisa disponibilizado.

Centro de Ensaaios Abertos – Cena, o Centro Cultural Oi Futuro, a Escola de Design da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e um centro de referência da música.

Inaugurado em 2010, o Circuito Cultural Praça da Liberdade foi criado com o objetivo de explorar a diversidade cultural – com opções interativas e abertas ao público – em uma área de enorme valor simbólico, histórico e arquitetônico de Belo Horizonte. A oportunidade surgiu com a transferência da sede do Governo de Minas Gerais para a Cidade Administrativa, no bairro Serra Verde. Os antigos prédios das secretarias passaram por um processo de restauração, com investimento do estado e de grandes empresas privadas, abriram suas portas e passaram a abrigar museus e espaços culturais. Todos eles contam com atuação integrada pautada por uma política cultural e educativa que permite a participação colaborativa e ainda gera oportunidades para o setor cultural apresentar propostas inovadoras para ocupação do Circuito.

A proposta, segundo a gerente executiva do Circuito, Cristiana Kumaira, é garantir que o público conheça Minas Gerais em seus diversos aspectos por meio de uma programação diversificada e múltiplas experiências. “Temos atraído cada vez mais visitantes do Brasil e do mundo e a tendência é que esse número cresça cada vez mais. Além da abertura de novos espaços e atrações, o Circuito Cultural Praça da Liberdade permite ao público contemplar a arquitetura dos prédios históricos, degustar a culinária mineira nos cafés e restaurantes dos próprios museus, e descobrir a história e curiosidades de Minas Gerais de forma lúdica e interativa. O grande diferencial do Circuito, além de tudo isso, é poder usufruir desta diversidade em uma mesma região da Capital”, ressalta.

O Circuito Cultural Praça da Liberdade é cogerido pelo Instituto Sérgio Magnani desde junho de 2012, por meio de parceria firmada com o Governo de Minas Gerais. Alguns dos museus/espaços são administrados por empresas privadas, que realizam investimentos para a preservação do patrimônio histórico e artístico e na manutenção dos prédios. O modelo de gestão compartilhada entre o estado e Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) já é adotado pelo governo em outros projetos da área cultural e tem demonstrado ser uma iniciativa de sucesso.

“A parceria possibilita que grandes empresas participem e contribuam efetivamente com o avanço cultural da cidade. Mais que realizarem suas atividades fins, os parceiros investem na

implantação e manutenção de museus, espaços de aprendizagem, salas de exposições e espetáculos, além de centros de memória que consolidam a história de Minas Gerais, apresentando-as ao público de forma gratuita”.

Cristiana Kumaira, gerente executiva do Circuito Cultural Praça da Liberdade.

Os programas educativos estão entre os destaques dos museus e espaços que integram o Circuito Cultural Praça da Liberdade. A cada ano, cerca de 200 mil crianças, jovens e integrantes de grupos especiais participam das atividades que incluem diversos roteiros e atividades lúdicas. Os agendamentos de visitas são realizados diretamente com cada museu/espaço, e oferecem a alunos e professores de escolas públicas e privadas, associações e entidades um conjunto de vivências marcantes com a cultura, a arte e o conhecimento. Uma novidade em 2014 foi a criação do Educativo Liberdade – coordenado pelo Instituto Cultural Sergio Magnani. A proposta inova ao implementar uma ação educativa ao ar livre, na Praça da Liberdade, abordando o conjunto arquitetônico, histórico e afetivo representado pelos prédios do entorno e pela própria Praça, um dos símbolos de Belo Horizonte e de Minas Gerais.

O Circuito Cultural Praça da Liberdade também está disponível para visita online. Além do tour virtual e programação atualizada disponíveis no site do projeto, um aplicativo viabiliza o acesso totalmente gratuito em tablets e smartphones. O aplicativo garante informações sobre os doze museus e espaços que compõem o projeto, programação atualizada, tour virtual e áudio tour, entre outras possibilidades de interação.

1.3. GESTÃO CULTURAL

Segundo Luiz Augusto Rodrigues, gestão cultural é um termo relativamente novo para o contexto cultural brasileiro. Propulsionada e proporcionada pelas políticas culturais, a gestão pressupõe procedimentos administrativos e operacionais para a gerência de processos no campo da Cultura e da Arte. Pode-se dizer que gestão cultural é a materialização da política cultural; é onde ela acontece. Funciona como extensão da política cultural para que ela se aplique à realidade. A gestão assume papel específico frente ao campo cultural, mas não se restringe a ele. Seus efeitos poderão ser sentidos em outras áreas e adquirem importância social.

“A gestão cultural, nesse contexto, assume crucial importância enquanto estratégia mediadora entre criadores artísticos, poderes públicos, o mercado e o público. As cidades, mais do que o país ou a região, são os núcleos centrais de todo o acontecer social e concentram em si as práticas de investigação sociológica, econômica e culturais mais precisas. São espaços de sociabilidades múltiplas e de intensas relações multiculturais. Populações e arquiteturas híbridas espalham-se e concentram-se espacialmente em constelações de bairros, serviços e redes diversas de circulação. A natureza dos mecanismos de produção e circulação de informação, a complexidade social das camadas populacionais, o tipo de relação que elas mantêm com outras redes de cidades, os novos esquemas de relação territorial, os deslocamentos e as trocas culturais e artísticas exigem novos olhares sobre essa realidade, através dos quais a articulação das disciplinas tradicionais pode ser revista para dar lugar a outros instrumentos e abordagens teóricas e instrumentais.” (RODRIGUES, 2010)

Gestão Cultural está associada então à mediação. Mediação de processos de produção de bens culturais (materiais e imateriais) e de múltiplos agentes sociais como órgãos governamentais, não governamentais, comunitários, empresariais, produtores, fruidores, entre outros. Procura incentivar os processos de criação e de fruição culturais, bem como estimular as práticas de coesão social.

O conceito se articula também ao planejamento de eventos, programas e ações que incitem as trocas culturais em seu espaço e a questões administrativas de operacionalização técnica, financeira, física e humana. Abrange uma perspectiva de planejamento que vai do curto ao longo prazo. Compreende impressões básicas de fomento à cultura, não apenas no sentido atender necessidades culturais, mas igualmente ampliar esse processo. Pensa ainda, questões ligadas a preservação, resgate e tradição.

O agente que vai mediar, aplicar e relacionar os demais sujeitos das práticas culturais é o gestor. É ele que deve buscar entender esse processo como dinâmico, ambíguo e sujeito a significações diversas. Deve estar sensível aos diversos interesses, querer e fazeres dos envolvidos. É ele que na prática vai tentar dar conta de todas essas questões.

“Em outras palavras, o gestor cultural deve ser aquele profissional capaz de gerenciar serviços que se materializam em programas e atividades desenvolvidas, a partir de planejamento e linhas programáticas definidoras de políticas culturais públicas, privadas e de organizações não-governamentais, participando de todas as fases do processo de desenvolvimento

das atividades culturais: criação, produção, distribuição e difusão cultural.” (CUNHA ,2005)

Para a autora, o perfil do gestor cultural é de um profissional que precisa preservar e aprimorar a sua sensibilidade artística e, ao mesmo tempo, dominar técnicas gerenciais e organizacionais específicas da área cultural. O gestor necessita manter o diálogo entre o universo artístico-cultural, a esfera pública, empresas e sociedade civil como um todo.

2. ANTECEDENTES E MOTIVAÇÕES

Através do reconhecimento de cultura em sua dimensão antropológica, sobretudo a partir dos anos 2000, embora não houvesse uma tradição política, aconteceu a implementação de novos modelos de gestão cultural que vem se afirmando ao longo desses quase quinze anos. A elaboração do Sistema Nacional de Cultura, como reflexo deste momento, forçou muitas cidades a se adequarem a uma série de regras que viabilizassem os recursos e benefícios do sistema. Assim a política cultural de Niterói, vem se remodelando. Cabe ressaltar que a cidade ainda não se adequou as normas do Sistema Nacional de Cultura, portanto ainda não recebe seus benefícios, porém medidas neste sentido estão sendo tomadas.

Podemos observar a partir destes cinco museus abrigados no Ingá alguns reflexos de uma remodelagem que vem se desenhando na cidade e em suas políticas culturais. A seguir temos um mapa que sinaliza a proximidade destes equipamentos. O fato de estarem geograficamente tão próximas e nos mostra o grande potencial de desenvolver uma gestão integrada.



Fonte: Google Maps

A cidade já conta com sua Agenda Cultural que tem uma publicação mensal gratuita destinada a divulgar a programação cultural de Niterói e possui grande acolhida por parte da população, além de permitir que se tenha um panorama bastante abrangente sobre todo o tipo referência cultural na cidade. No entanto, esse recurso se mostra insuficiente no sentido de integrar as unidades, ou formar um público compartilhado. Suas programações se formam de maneira independente, ou seja, cada unidade faz sua programação. Isso deixa em dúvida se haverá realmente um esforço de coesão entre as unidades.

No ANEXO 02 do trabalho está uma matéria divulgada no jornal *O Dia* que relata um pouco das do experimento da semana dos museus e futuros projetos de integração entre as unidades. A matéria compara Niterói a cidades europeias, que possuem grande tradição no turismo museológico.

2.2. DELÍRIOS ITINERANTES DA BOA VIAGEM E ROLEZINHO CULTURAL

“Delírios Itinerantes da Boa Viagem” foi um evento promovido pelos cursos de Artes e de Produção Cultural da UFF, em dezembro de 2013, que consistiu em uma caminhada de acompanhada por intervenções artísticas ao longo da Boa viagem, integrando imaginários contemporâneos e históricos da região. Diversos artistas conduziram a experiência, proporcionando momentos de interação com o público.

O ponto de partida foi o Museu do Ingá, seguindo para o Museu Janete Costa de Arte Popular, o Solar do Jambeiro, e terminando na Ilha da Boa Viagem e no MAC. Ao longo do percurso ocorreram várias paradas, surpreendendo os caminhantes com diversas expressões de arte: dança, poesia, música, performance, pintura e fotografia. Atravessamos um percurso de histórias do bairro que foi reduto de vários artistas e intelectuais.

“Foi uma tarde muito agradável e frutífera, tendo em vista a qualidade dos encontros com as diversas artes que nos foram propiciadas. Parabêniso a organização e a todos os que nos possibilitaram participar de tão interessante experimento cultural.” Declarou Norma Emiliano, participante do público que vivenciou a experiência, em um blog pessoal.

No início deste ano aconteceu o “Rolézinho Cultural”, um evento também promovido por alunos do curso de produção cultural, que teria o mesmo formato dos “delírios”. Sua intenção era também promover a integração dos espaços culturais da região com intervenções artísticas ao longo do caminho e dentro das instituições educacionais e artísticas. Até que os alunos visitaram o Módulo de Ação Comunitária, o Maquinho e então o projeto ganhou uma dimensão social.

Embora esses eventos tenham acontecido em sequencia, nenhum dos dois prevê continuidade. Isso não colabora diretamente para formação de público para a região, pois os participantes acabam apenas consumindo o evento e não se apropriando daquele espaço. O ideal seria que ações como estas fossem regulares, de qualquer forma, esses eventos foram um incentivo para elaboração do presente estudo.

2.3. UMA CIDADE, DOIS BAIROS E CINCO PRÉDIOS: CENTO E CINQUENTA ANOS DE HISTÓRIA E ARQUITETURA.

2.3.1. Niterói¹³

Niterói é uma das maiores cidades do leste fluminense e também a terceira que mais recebe turistas do Estado do Rio de Janeiro, ficando atrás apenas da capital e de Búzios. A cidade tem como principais atrativos seus centros culturais e históricos e praias oceânicas.

O município possui uma população de quase quinhentos mil habitantes, segundo dados de 2010. Em um relatório divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento este ano, Niterói apresentou o maior Índice de Desenvolvimento Humano entre Municípios (IDHM) do Rio de Janeiro. No ANEXO 06 está uma matéria veiculada no jornal O Globo, no dia 25 de novembro de 2014, que trata melhor o fato.

Niterói é também a segunda cidade do mundo, superada apenas por Brasília, com a maior quantidade de obras projetadas pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Em considerável parte da orla da cidade foram erguidas idealizadas pelo arquiteto, o chamado Caminho Niemeyer. Composto por sete equipamentos urbanos, o Caminho abriga o Centro de Memória Roberto

¹³ Informações fornecidas pelo Centro de Documentação e Pesquisa, Fundação de Arte de Niterói.

Silveira, a Fundação Oscar Niemeyer, Teatro Popular de Niterói, a Praça Juscelino Kubitschek, o Museu Petrobras de Cinema e o Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

A cidade carrega um forte significado histórico, pois foi capital estadual até a fusão entre os Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara em 1975, sendo palco de importantes momentos da história de nosso país, inclusive durante a ditadura. E por essa relevância histórica, política e arquitetônica que a cidade foi escolhida como objeto deste estudo.

2.3.2. Ingá e Boa Viagem¹⁴

Os bairros que abrigam estes equipamentos culturais também carregam uma relevância histórica. O intuito do trabalho é fazer com que o turista se envolva com a história da região, portanto não podemos deixar de falar de um processo de urbanização muito curioso que é observável ao longo do circuito.

O bairro da Boa Viagem é o menor da cidade de Niterói e era, até as primeiras décadas do século XX, considerado por viajantes um pequeno paraíso devido aos morros cobertos de vegetação, às ilhas e uma fonte de água potável próxima à praia de águas tranquilas e limpas. A topografia dificultou o processo habitual de ocupação. A paisagem natural foi mantida sem alterações significativas até esta época.

A destruição do "pequeno paraíso" dos livros de antigos viajantes foi desencadeada na década de 30 por uma obra devastadora provocada na região pela Cia. de Melhoramentos de Niterói. Uma obra de reurbanização de toda a região, sem respeitar o meio ambiente, foi iniciada a todo vapor: desapropriações foram feitas, árvores derrubadas, novas ruas abertas e a paisagem aplainada a trator.

Quando o caos foi instalado, faltou verba e homens e máquinas pararam. O paraíso descrito nos livros não existia mais. A "obra" só foi retomada décadas depois quando então foi executado o plano de melhoramentos traçado no séc. XIX, que previa a construção de um caminho por toda a orla da baía, ligando a Ponta D'Areia a São Francisco. A seguir, temos a imagem de como era a Rua Antonio Parreiras no início do século XX e como ela está atualmente. É possível perceber a alteração na paisagem, provocada pelo processo de

¹⁴ Fonte: Niterói-Bairros - Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia de Niterói – 1991, Departamento de Documentação e Pesquisa, Fundação de Arte de Niterói.

urbanização da região, se observarmos o desnível entre as calçadas de um lado para o outro, na imagem da direita.



Rua Antonio Parreiras, no início do séc. XX e atualmente.

Na primeira imagem vemos que a rua era uma ladeira. Na segunda imagem percebemos que uma calçada está muito mais alta que a outra, pois em razão do processo de urbanização a altura da rua foi alterada. Parece que um lado da rua ficou conservado no início do século XX e o outro lado seguiu a história.

Chácaras e antigos casarões são marcos dessa época, observando-se atualmente apenas a presença de alguns (uns em ruínas, outros conservados e alguns transformados em casas de cômodos), localizados em um dos lados esquerdos da rua Antonio Parreiras. A parte mais alta da rua.

O pouco que restara ainda intacto da paisagem natural, mudou. A área entre o Pontal do Gragoatá e a praia da Boa Viagem foi aterrada, desaparecendo as praias do Fumo (no Gragoatá) e a Vermelha, que apanhou uma grande área do mar, cuja maior parte atualmente pertence ao campus da UFF.

2.3.3. Cinco Equipamentos Culturais e Um Passeio Pela História

Evito aqui usar o termo “museus” porque nem todas as unidades são museus. O Solar do Jambeiro não é um museu, embora abrigue exposições. Na verdade o Solar do Jambeiro ainda não recebeu um título de definição, mas acredito, que por suas características de programação ele se identifique como uma “casa de cultura”.

Sobre o circuito, começamos no MAC. O MAC foi inaugurado no ano de 1996 e projetado por Oscar Niemeyer, é considerado atualmente o principal ponto turístico da cidade, atingindo média um público de 200 mil visitantes ¹⁵ ao ano. Identificamos aqui o primeiro problema que motiva este trabalho: O MAC concentra visitantes. O Solar do Jambeiro, que é o segundo mais visitado da região, graças a uma programação diversificada, recebe em média 15 mil visitantes por ano (APÊNDICE 04). Isso representa menos de dez vezes o número de visitantes que o museu recebe. E isso acontece em proporções ainda maiores com os demais espaços.

O trajeto começa no MAC por questões práticas. O visitante tem maior facilidade em chegar até lá. Ônibus são sinalizados para isso e placas de trânsito também sempre apontam para o museu. Isso não é exatamente um problema; as pessoas irem ao MAC não está em discussão aqui. O problema está em estas pessoas só irem ao MAC; é preciso que este público circule pelos demais equipamentos. Além disso, descer pela Boa Viagem parece mais convidativo que fazer o inverso.

Então partindo do MAC, o turista experimenta formas muito particulares de uma arquitetura que, por si só, é responsável por transformar o Museu em uma obra de arte contemporânea. Está localizado sobre o Mirante da Boa Viagem e possibilita que o visitante desfrute de uma vista panorâmica desde o pátio até dentro do museu por um olhar pelo anel de janelas.

“Não desejava um museu envidraçado, mas com o grande salão de exposições cercado de paredes retas, circulado por uma galeria que o protegesse e permitisse aos visitantes nos momentos de pausa apreciar a vista extraordinária.”

Oscar Niemeyer

¹⁵ Informações constam no livro presença de visitantes disponível no salão de exposições do museu

Muitas experiências sensoriais são possíveis neste museu. Desde a rampa até a circulação dentro do prédio são provocadas noções de infinito. A ideia de infinito também é trabalhada no espelho d'água que está ao redor do museu, onde se provoca uma linha do infinito com o mar. Ao transferir a função de mirante para aquele lugar, também provoca a invasão da paisagem da baía ao seu interior, num processo de museificação dos objetos operantes no entorno do edifício.¹⁶

O MAC também proporciona ao público uma intensa agenda de exposições temporárias, além de possuir em seu acervo próprio, a coleção de João Sattamini com mais de 1200 peças, entre pinturas, desenhos, esculturas, objetos e instalações. São oferecidas também diversas atividades culturais e educativas, coordenadas pela divisão de arte e educação, onde se explora a função do museu como obra de arte.

Saindo do mirante a próxima parada será o Museu Janete Costa de Arte Popular (MJCAP). Mas sem ignorar que o percurso também vai contar uma história, criar uma relação. Entre o MAC e MJCAP, está talvez a parte mais rica desta relação com a paisagem, pois é possível observar a ilha da Boa Viagem, as calçadas irregulares da rua Antonio Parreiras, que ficaram marcadas por um processo de urbanização inconsequente. Enfim, um agradável passeio que conta sua história por si só.

O MJCAP foi inaugurado no dia 28 de novembro de 2012 (data em que se completou quatro anos da morte de Janete Costa). O Museu de Arte Popular abrigou sua primeira exposição: "Janete Costa - Um Olhar", cujo curador, Mario Costa Santos (filho de Janete), teve o objetivo de proporcionar aos espectadores "um passeio pelo Brasil e sua diversidade. O Museu foi fechado no início de 2013 para requalificação do espaço interno e reaberto em julho do mesmo ano com três exposições afinadas com o evento católico da Jornada Mundial da Juventude.

De acordo com o site institucional da unidade¹⁷, o Museu Janete Costa de Arte Popular tem o objetivo de ampliar a divulgação da cultura popular brasileira. Situado em dois sobrados do século XIX, com fachadas tipicamente neoclássicas, espaço conta com vários ambientes para

¹⁶ Informações adquiridas com o educativo da instituição em visita guiada.

¹⁷ Disponível em < <http://www.culturaiteroi.com.br/janete/> >

exposições distribuídos por dois andares formando vãos que dão a visão do extenso pé direito da casa. As paredes cruas e descascadas e a preservação de ornamentos originais valorizam a rusticidade, as cores e a textura da construção.

Além de exposições, o Museu Janete Costa promove shows musicais, lançamentos literários e debates e um cineclube que homenageia o dramaturgo Ariano Suassuna. O Museu carrega o nome de uma das maiores pesquisadoras e especialistas em arte popular brasileira, Janete Costa; que viveu parte de sua vida na cidade. Porém, antes de ver sua ideia realizada, a arquiteta de interiores faleceu, deixando um legado de muitas artes, em sua coleção, e histórias populares.

“A ideia da criação do novo museu de Niterói saiu da cabeça de Janete, a quem a cidade fica devendo esta iniciativa. E, ao batizá-lo com o seu nome, estamos homenageando o brilhantismo, a ousadia, a criatividade, a originalidade e a inteligência da mulher genial e querida que ela foi.”

Jorge Roberto Silveira, Prefeito de Niterói, dezembro de 2012.

A reforma do imóvel e restauração da fachada tombada ficou a cargo do filho Mario Costa Santos.

Atravessando a rua chegamos ao Solar do Jambeiro. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN), o prédio, cuja construção data de 1872, em 1997 foi desapropriado pela Prefeitura de Niterói, no intuito de preservar sua integridade física e restaurar seus aspectos históricos e arquitetônicos.

Este é um espaço que tem forte possibilidade de diálogo com o MJCAP. Se considerarmos que as paredes cruas do MJCAP são as mesmas que estão cobertas por luxuosos papéis de parede no Solar, alcançamos uma outra dimensão deste passeio. As duas casas datam a mesma época. O Janete Costa 1862 e o Solar 1872. As duas casas pertenciam a famílias vizinhas. O Janete seria um tipo de armazém, onde a família morava no sobrado. Já o Solar pertencia a uma rica família de um comerciante português ou um diplomata dinamarquês. Enfim, muitas lendas circulam na história destas casas. O que se imagina é que as duas foram projetadas pelo mesmo arquiteto, mas nada registrado. Imagina-se isso pelos beirais das janelas, que são semelhantes e outros aspectos curiosos apresentados em visitas guiadas.

No Solar experimentamos uma volta ao passado. O processo de restauração¹⁸ foi realizado por uma equipe multidisciplinar, formada por técnicos especializados nas diferentes áreas, e teve o acompanhamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A metodologia adotada baseou-se na preservação de remanescentes estéticos e históricos originais do prédio, bem como na conservação de algumas alterações posteriores, consideradas harmoniosas no conjunto. Os azulejos encantam seus visitantes e a riqueza de detalhes de um trabalho manual, cuidadosamente conservado, trazem uma dimensão única a esta visita.

Seu jardim, também tombado pelo IPHAN abriga um orquidário, que hoje não está ocupado por espécies vegetais exóticas como de destino. Há também para o jardim um projeto de construção de uma cafeteria que deve ser concebido com arquitetura condizente com a do Solar. A FAN pretende liberar o acesso a internet, para que haja ocupação do espaço.

“Nós queremos que as pessoas fiquem ali. O projeto da construção do café é para que o visitante fique mais tempo no Solar. Antigamente, havia a tradição das pessoas saírem para ir ao teatro e depois ficarem conversando sobre o espetáculo em uma cafeteria ou restaurante. Ali não tem nada perto. É bom resgatar isso. Queremos também liberar o sinal de wi-fi no jardim, assim o jardim vai ser ocupado pelos visitantes. Hoje o Solar tem um público que entra pra ver a peça e depois vai embora.”

Victor de Wolf, Superintendente Cultural da FAN

Hoje o Solar funciona com uma gama diversificada de atividades culturais, sendo nele realizadas exposições, saraus, concertos de música erudita, seminários, lançamentos de livros, palestras diversas, leituras dramatizadas e teatro adulto e infantil, entre outras. O espaço goza de uma programação fixa e em sua maioria gratuita. Se afirmando como um importante espaço para a cultura da cidade.

Saindo dali, vamos ao Museu Antonio Parreiras(MAP) , que encontra-se hoje fechado para restauração. Este museu é muito importante para o trabalho, pois o pintor Antonio Parreiras escolheu a cidade de Niterói para pintar. Foi o primeiro museu brasileiro dedicado a um só

¹⁸ Informações adquiridas através de material de pesquisa fornecido pela instituição.

artista e inaugurado em 21 de janeiro de 1941, quatro anos após a sua morte¹⁹. Onde hoje funciona o museu era a casa do pintor, ali estão obras, documentos, livros e objetos que pertenceram a Antonio Parreiras, além de duas outras coleções: de arte brasileira do século XIX e início do século XX, e de arte estrangeira dos séculos XVII ao XIX..

Como Niterói foi muito retrada por este artista é possível e muito desejável que haja ao longo do caminho, sobretudo na descida do MAC pela Boa Viagem, que o visitante tenha acesso a parte deste acervo. Uma vez que, de acordo com o site institucional da unidade, a missão do museu é preservar, pesquisar e promover a obra de Antonio Parreiras, tornando-a acessível aos diferentes segmentos da sociedade, enfatizando a democratização do espaço museal por meio da observação, reflexão e experimentação estética como forma de fortalecimento do exercício da cidadania.

Seguimos o circuito até o último museu da escala: O Museu do Ingá. Este é um museu dedicado à história política e artística fluminense, com um acervo de mais de 4 mil peças, incluindo obras de Tarsila do Amaral e Lucílio de Albuquerque, além de documentos e informações dos 43 governadores do estado.²⁰

A casa foi um palacete que pertenceu José Francisco Corrêa, Visconde de Sande e Conde de Agrolongo, que transformou a casa em imponente palacete. Em 1903, o Palacete Sande foi comprado por Nilo Peçanha, presidente da Assembleia Legislativa e futuro governador, para ser a sede do governo fluminense, afirmando Niterói como a capital do estado do Rio de Janeiro. Setenta e três anos e quarenta e três governadores depois, o Palácio do Ingá transformou-se em museu voltado para a história e a arte fluminenses.

Atualmente o museu passa por um processo de revitalização que visa recuperar seu lugar como instituição relevante para a formação cultural do estado, habitat da memória política da formação do Rio de Janeiro, lugar de desenvolvimento e difusão do pensamento museológico, espaço de integração das coleções do estado e de formação em arte e história fluminenses. O espaço conta com um grande acervo, possuindo diversas coleções, que marcam a sua formação institucional, entre elas: A Coleção Banerj, a Coleção de Arte Popular e as

¹⁹ Informações adquiridas através do site institucional da secretaria do estado
<http://www.museusdoestado.rj.gov.br/map/museu.htm>

²⁰ Dados coletados em material de pesquisa fornecido pelo educativo da instituição.

Coleções Nilo Peçanha e Amaral Peixoto, que fundamentam o Centro de Estudos de Referência da História Fluminense, composta por fotografias, diplomas, condecorações, documentos pessoais e relacionados a cargos públicos, placas e objetos comemorativos. É muito rico visitar este museu e ter acesso a grande parte da memória política da cidade e do estado. É oferecido, como parte dessa política de revitalização do museu, uma programação variada que conta com *O CineJazz UFF* e oficinas artísticas abertas para a comunidade. Isso pretende tornar o museu um local de memória e afetividades.

Partindo dessas informações, foram desenvolvidas propostas para se estabelecer o primeiro circuito cultural na cidade. A seguir estão as ideias que materializam o projeto.

3. O CIRCULT

3.1. O QUE É UM CIRCULT?

O CIRCULT é um modelo de projeto que pode ser desenvolvido em quaisquer regiões que tenham o mesmo perfil da estudada, ou seja, espaços culturais com proximidade geográfica que não possuem um núcleo de gestão em comum ou que não desenvolvam projetos em comum. Por exemplo, o “Caminho Niemeyer”, também em Niterói é um potencial CIRCULT, bem como o conjunto de prédios históricos no centro do Rio de Janeiro, ou ainda uma integração entre o Jardim Botânico, o Parque Laje e a Vista Chinesa, entre tantas outras possibilidades, sempre considerando o histórico e as particularidades de cada lugar. Para este estudo foi escolhida a região do Ingá/ Boa Viagem e os cinco equipamentos culturais que ela abriga. Portanto este pode ser um projeto piloto, podendo servir de subsídio para a própria prefeitura desenvolvê-lo.

Os bairros do Ingá e da Boa Viagem abrigam cinco museus da cidade de Niterói. Estes espaços culturais estão fisicamente muito próximos, o que os torna um potencial e agradável passeio turístico. Um desses museus é o MAC – Museu de Arte Contemporânea de Niterói, que é o maior ponto turístico da cidade. Curiosamente, esta grande visita ao MAC não se reflete nos demais espaços do entorno.

Este trabalho apresenta, entre outras, propostas que distribuam o público visitante do MAC entre os equipamentos culturais vizinhos a ele. Além de incentivar o turista a realizar o circuito de forma autônoma, adquirindo ao longo do percurso informações acerca da história e arquitetura da região. Fomentar o turismo²¹ na região alimenta a economia da cidade atraindo investimentos e aumentando a autoestima local. A região se valoriza e adquire uma identidade reconhecida.

3.1. PROPÓSITOS GERAIS E ESPECÍFICOS

PROPÓSITOS GERAIS

- Fomentar o turismo na região;
- Colaborar para uma política integrada entre as unidades de cultura;
- Incentivar a formação e distribuição de público para esses locais;

PROPÓSITOS ESPECÍFICOS

- Garantir que o trajeto seja realizado de forma autônoma pelo visitante.
- Certificar a construção e afirmação das identidades do conjunto de equipamentos culturais abrigados na região do Ingá/ Boa Viagem,
- Sinalizar a área onde esses equipamentos estão abrigados.
- Instituir um nome comum a essa área. A proposição é que se chame CIRCULT BOA VIAGEM, por se tratar de um circuito de equipamentos culturais.
- Promover cada vez mais o diálogo entre as gestões.
- Dinamizar a visitação entre os espaços
- Propor ações que possam fomentar o turismo cultural na região
- Causar apropriação e reconhecimento desses espaços pelo o público niteroiense, através de uma vivência afetiva.
- Relacionar os espaços e a história da região

²¹Turismo como uma prática cultural; A organização norte-americana de defesa do Patrimônio Cultural “National Trust for Historic Preservation” (1993) vai definir o turismo cultural, do ponto de vista da procura, como “a prática de viajar para experimentar atrações históricas e culturais com o fim de aprender sobre o passado de uma região ou um país, de uma maneira divertida e informativa”

- Relacionar o trajeto e a paisagem através da história, com painéis de fotos de como era a região no passado.
- Aperfeiçoar o trânsito de turistas e sua locomoção.

3.3. AÇÕES E METAS

As metas deste projeto consistem em firmar um circuito cultural sólido na cidade de Niterói, onde o morador e o turista de engajem em uma relação com a história, memória e arquitetura da cidade, não como mero circuito turístico, mas compreendendo aquele lugar. Essas metas se concretizam através das ações a seguir:

3.3.1. Afirmar o CIRCULT como parte da política cultural da cidade

Para que o projeto tome corpo e se torne uma marca para a cidade é necessário que se estabeleça um nome para o circuito cultural a ser realizado na região. No caso, o nome proposto para o trajeto é CIRCULT BOA VIAGEM, pelo formato do projeto acontecer no bairro da Boa Viagem.



Logomarca desenvolvida para o projeto

Este trabalho propõe que turista seja autônomo, ou seja, que ele possa realizar o circuito sozinho sem a necessidade de um mediador. É importante que ele seja independente tanto na forma de se locomover entre os espaços como na forma de adquirir informações sobre eles.

Para tanto é preciso que haja uma sinalização na região indicando os locais a serem visitados e sua história. Bem como possibilitar a ele alternativas de deslocamento. Enfim, o visitante poderá experimentar o circuito a pé, de ônibus ou de carro, sem deixar de conhecer as informações necessárias para descobrir os lugares. Veremos a diante ações que possibilitarão maior mobilidade e logo possibilitarão que o CIRCULT se afirme como um circuito cultural, fazendo com que ele se integre as políticas culturais de Niterói.

3.3.2. Firmar parcerias com secretarias municipais

Com estas parcerias, sobretudo com a secretaria de cultura, de educação, de transporte, esportes e de turismo será possível revitalizar as vias de ligação entre os museus, melhorando a sinalização, calçadas, ciclovias e travessias. Também através dessas parcerias poderá ser aprimorado os serviços de monitores e turismólogos que atuam nos equipamentos. Atraves capacitação dos recursos humanos.

A NELTUR (Niterói Empresa de Lazer e Turismo), núcleo vinculado a secretaria de turismo, instalou no MAC um ponto de informações turísticas, no período da Copa do Mundo de Futebol 2014. Porém este ponto funciona mais em parceria com a prefeitura do Rio de Janeiro do que com a prefeitura de Niterói. Conquistando essa parceria, a intenção é instruir os turismólogos a informarem e incentivarem os visitantes a realizar o CIRCULT BOA VIAGEM, pois são equipamentos muito próximos. Além disso, este ponto será peça fundamental na distribuição de material gráfico informativo contendo o mapa do trajeto. A imagem abaixo é a simulação de um folder informativo que será distribuído tanto no ponto de informações turísticas como nos espaços culturais que compõem o CIRCULT.

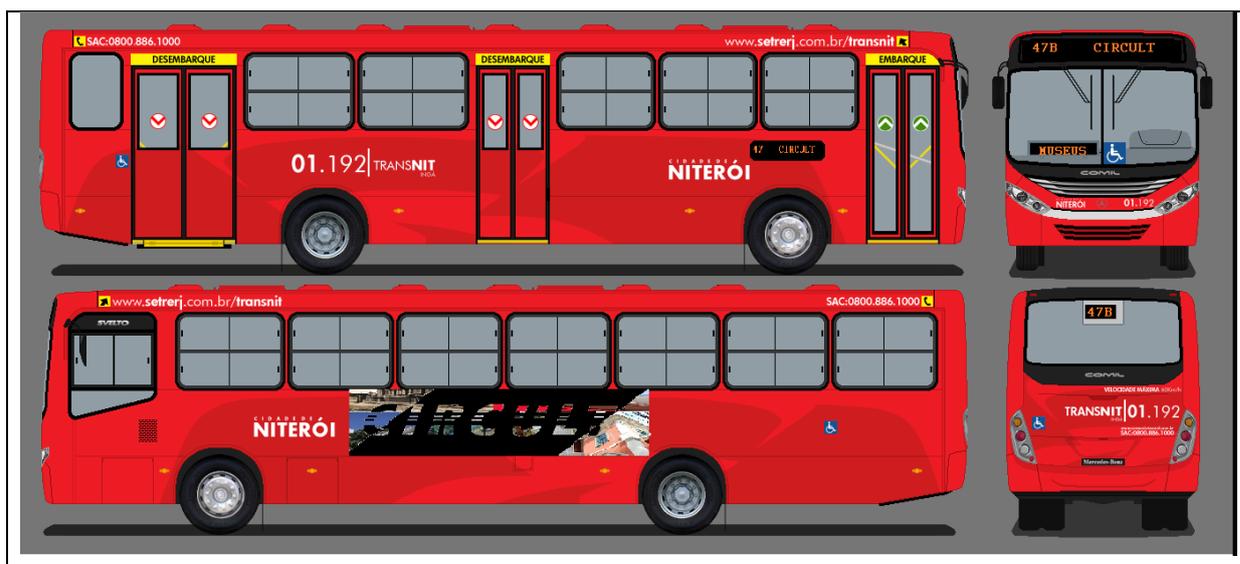


É necessário que haja um material específico para a região. Pois ele reunirá as informações necessárias para o turista conhecer mais da história e da arquitetura do lugar.

3.3.3. Firmar parcerias com entes privados e promover ações de mobilidade

Uma das chaves deste projeto é a mobilidade. Para desenvolver este potencial pensou-se em parcerias com o setor privado, como com a viação Araçatuba, responsável pelo ônibus 47B. O ônibus 47B é o único ônibus que circula por todos os equipamentos abordados no projeto, portanto constitui-se como peça fundamental para o Circuit Boa Viagem e como alternativa do deslocamento aos turistas.

Através da parceria com a viação Araçatuba no sentido não só de transportar, mas de informar ao passageiro a respeito do circuito cultural e turístico da região, através de uma identidade visual própria e um material gráfico informativo dentro do ônibus. Será também um importante passo para o cidadão niteroiense despertar seu interesse, pois este veículo transmite uma naturalização da relação com espaços culturais. Sugere-se também uma nova identidade visual para alimentar o interesse da população local que circula diariamente neste ônibus



Simulação

Também foi idealizada uma ação em parceria com o Banco Itaú e a mais uma alternativa de locomoção oferecida ao visitante. Uma ação já conhecida do Banco Itaú que incentiva o

passeio de bicicleta e se encaixa perfeitamente ao projeto. Um grande e agradável incentivo ao passeio cultural. No APÊNDICE 03 consta uma visita realizada com um grupo focado que sugeriu o passeio de bicicleta como parte de uma experiência cultural.

3.3.4. Painéis históricos e Interatividade

Esta é uma ação que prevê o reaproveitamento de painéis ociosos que se encontram nas calçadas do percurso. Como vemos na foto a seguir:



Simulação

A intenção é que os painéis contem a história da região e seu processo de urbanização. O painel apresentará fotos antigas dos pontos turísticos e textos informativos, além de mapa do trajeto e acesso a um aplicativo que possibilite um passeio virtual. Deste modo o turista tem acesso a história do local. O painel terá informações a respeito daquela construção, o mapa do circuito com coordenadas do trajeto e um acesso interativo através do aplicativo QR Code, pelo seu smartphone.

O uso destes recursos possibilitará ao visitante adquirir mais informações sobre a história do lugar. O QR Code pode levar o turista a baixar o aplicativo ou seguir navegando por um site com fotos e curiosidades sobre a memória da região e ainda informações sobre as programações dos espaços culturais que ele visitará. O aplicativo vai garantir informações sobre os cinco espaços que compõem o projeto, com programação atualizada, tour virtual e

áudio tour, entre outras possibilidades de interação. Será disponibilizado em quatro idiomas – português, inglês, espanhol e francês – e poderá ser baixado gratuitamente nas lojas digitais App Store, Windows Store e Google Play em aparelhos com plataforma iOS, Android ou Windows Mobile ou através do QR Code.

3.3.5. Padronização do Funcionamento dos Espaços Culturais

Uma das constatações da pesquisa de campo foi a irregularidade dos horários de funcionamento de cada espaço. É imprescindível, para que o público tenha uma experiência completa que os horários sejam padronizados. No referente a primeira visita em grupo, foi frustrante para o grupo não poder concluir a visita no Museu do Ingá, que encerra suas atividades antes dos demais espaços do entorno.

Há também outra questão a respeito da padronização, somente o MAC cobra ingresso para visitação, enquanto os demais têm entrada franca. Para que o turista usufrua desta experiência cultural é preciso que esta cobrança seja banida. Além da padronização, este é um importante passo para a desmistificação desses espaços, tornando-os cada vez mais acessíveis. No anexo, referente a terceira visita em grupo, o fato do MAC cobrar ingresso foi um impedimento para a visitação, prejudicando a totalidade da experiência.

Padronizar o funcionamento dos espaços, considerando suas particularidades e capacitar monitores através de um treinamento unificado entre as unidades é fundamental para o trajeto. A visita não deve demorar mais que trinta minutos em cada espaço, portanto o monitor deve ser orientado a ser breve e dinâmico, para não desestimular o visitante.

3.3.6. Incentivar Exposições Conjuntas

Para forçar o visitante a circular entre os espaços, é preciso que haja um estímulo a exposições integradas. A FAN já vem trabalhando com uma política de ocupação por editais, que pode ser aplicada neste sentido. É possível que se pense uma exposição (fixa ou temporária), que possa ser desmembrada entre estes espaços.

Já foram experimentadas exposições neste caráter, mas de forma eventual. A exposição “Ressonâncias”, é exemplo disso. Ela ficou exposta tanto no Museu do Ingá quanto no MAC, mas não se expandiu a outros museus. Se não a mesma exposição, ao menos que se trabalhe a mesma temática, se estabelecendo assim mais um fio de relação e diálogo entre os espaços. A proposta é que este tipo de ação aconteça periodicamente e não eventualmente como foi na “semana dos museus”, nos “Delírios Itinerantes”, no “Rolézinho Cultural”, enfim, em outras ações que já tenham acontecido.

Se para tal é necessário que haja um setor educativo e uma curadoria que coordene essas ações que seja pensado isso com mais maturidade então. Hoje, somente o MAC e o Museu do Ingá tem um educativo próprio, as outras instituições não. Em geral, quando ocorrem essas ações eventuais, são promovidas pela FAN, mas o que sentimos a necessidade e propomos é que essas ações sejam constantes.

3.4. METODOLOGIA

Para analisar a gestão dos espaços culturais pertencentes ao CIRCULT – BOA VIAGEM foi elaborada pesquisa de campo nos equipamentos culturais abrigados nesta região de Niterói. O objetivo foi avaliar como esses espaços poderiam se relacionar melhor entre si e com o público visitante, vindo a ser mais bem aproveitados.

Foram realizadas entrevistas com os gestores dos equipamentos e buscas por documentos internos, como relatórios, que colaboraram com a pesquisa. Visitas compartilhadas com grupos focados também compuseram a pesquisa para avaliar o comportamento do público durante o percurso e assim surgiram novas ideias para o projeto.

Investigou-se referências de outros circuitos culturais, sobretudo no Sudeste, para exemplificar a viabilidade do projeto e seus possíveis retornos turísticos e econômicos, bem como se buscou referências de ações promovidas na região afinadas com os objetivos do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este foi um trabalho desenvolvido a partir da observação e de questionamentos acerca de problemas que puderam ser acompanhados de perto, no período em que fiz parte da equipe do Solar do Jambeiro, como produtora cultural. Lá pude por em prática conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense e pensar o espaço cultural numa nova perspectiva. Sem dúvida é fundamental que o público se envolva com o lugar, com sua história e arquitetura; Que se sinta pertencente àquele espaço. Neste sentido, o grande potencial histórico da região está subvalorizado, muito em função de formas de trabalhar individualizadas dos gestores das unidades.

Não é proposta uma padronização engessada, onde se percam características dos espaços, muito pelo contrário, é a percepção da diferença por parte do público que tornará este circuito encantador. Sem que as individualidades se percam, é viável e muito desejável maior diálogo entre as unidades. Compartilhar público e programação deveria ser uma missão destes gestores.

A mobilidade do turista é outra chave do projeto. Acredito que ele deva ser autônomo do trajeto, sem perder informações por isso. Por isso foram pensadas estratégias de circulação de público e informativos que o interessassem e o envolvessem ao lugar. Buscou-se neste projeto que o turista conheça não só os espaços em si, mas as histórias da região.

Ao, pretensiosamente, propor ações que viabilizem esta integração ao mesmo tempo em que se busca um envolvimento do público turista, tento mais uma vez por em prática o conhecimento teórico que me foi apresentado dentro da universidade. Ouvir o público, perceber demandas, fazer parte de uma administração que tem grande vontade política e concebe cultura, foi sem dúvida um importante degrau profissional. Não poderia terminar este curso de outra forma se não contribuindo com o meu melhor para a sociedade, sobretudo para estes espaços com os quais adquiri um verdadeiro vínculo, um verdadeiro pertencimento.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas, Papirus, 1994.

BARBOSA, Frederico. Boas Intenções, Poucos Recursos: Balanço das políticas culturais brasileiras recentes. O MI NC e alguns dos des afios das políticas culturais na ges tão Gilberto Gil. Revista Proa , nº 01, vol. 01. Disponível em < <http://www.if ch.unicamp.br/proa>>.

BARROS, Guilherme Gonçalves. O Turismo Cultural e sua Capacidade de Promover a Preservação do Patrimônio Cultural e Desenvolvimento Niterói, EdUFF, 2011

BOTELHO, Isaura. Dimensões da Cultura e Políticas Públicas. São Paulo em Perspectiva, 15 (2), p. 73 - 83, 2001.

CALABRE, Lia. Políticas Culturais no Brasil: Balanço e Perspectivas. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (orgs.) Políticas Culturais no Brasil, Salvador, EDUFBA, 2007.

CANCLINI, Néstor García. Definiciones en transición. In: MATO, Daniel (org.) Estúdios latinoamericanos sobre cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización. Buenos Aires, Clacso, 2001.

COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo, Iluminuras, 2004.

CUNHA, Maria Helena. Gestão Cultural – Profissão em Formação. Belo Horizonte, Fundação Clóvis Salgado, 2005.

FERRARA. Lucrecia. Os significados urbanos. São Paulo: EDUSP, 2000.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade. 8 ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1987. 149 p.

GIL, Gilberto. Discurso pronunciado no Seminário Cultura XXI. Fortaleza - CE, 2003.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. Habitação e reabilitação urbana: arquitetura e antropologia. In: LIMA, E. e MALEQUE, M. Cultura, Patrimônio e Habitação: possibilidades e modelos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004. pp. 11-24.

LIMA, E. F. W. et al. Um plano de preservação para a Cruz Vermelha e Adjacências. Cadernos do Patrimônio Cultural, n. 2, Rio de Janeiro: SMTE/DGPC, 1992.

NITERÓI, Prefeitura Municipal. Lançado Sistema Integrado de Museus de Niterói.

Disponível em

http://www.niteroi.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2269:2014-05-16-22-17-58

PALELLA, Graciela. O museu como catalisador comunitário. IN: Cadernos de Memória Cultural 4. Rio de Janeiro: Museu da República, 1994.

PINHEIRO, A. Ivan de Freitas. A reabilitação urbana em processo. In: In: LIMA, E. e MALEQUE, M. Cultura, Patrimônio e Habitação: possibilidades e modelos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004. pp. 64-82.

PRADO, Joanna Peixoto. Cultura Em Niterói: Uma Análise Da Política Cultural No Município Entre 2006 – 2008. Niterói, EdUFF, 2009.

RODRIGUES, Luiz Augusto F. Gestão Cultural e Seus Eixos Temáticos. Niterói, EdUFF, 2010.

RUBIM, Albino; BARBALHO, Alexandre (orgs.) Políticas Culturais no Brasil. Salvador, Edufba, 2007.

SANTOS, Milton. *Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. *Apresentação de trabalhos monográficos de conclusão de curso*. 10. ed. rev. e atualizada. Niterói: EdUFF, 2012.

ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO 01

LANÇADO SISTEMA INTEGRADO DE MUSEUS DE NITERÓI

Niterói – 16/05/2014

A Prefeitura de Niterói, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), as secretarias estadual e municipal de Cultura e a Fundação de Artes de Niterói (FAN) lançaram nesta sexta-feira (16/5) o Sistema Integrado de Museus da cidade.

Na ocasião, nas presenças do presidente do IBRAM, Ângelo Oswaldo, do subsecretário Estadual de Cultura, Mário Luiz Cunha, do secretário municipal de Cultura, Arthur Maia, do presidente da Fundação de Arte de Niterói (FAN), André Diniz, entre outras autoridades, o prefeito da cidade assinou o Termo de Cooperação para a construção de uma RESERVA técnica compartilhada para o MAC (Museu de Arte Contemporânea), Museu do Ingá, Museu Janete Costa, Museu de Arqueologia de Itaipu e Museu Antonio Parreiras. Foi lançado também um inédito material gráfico unificado dos museus e espaços expositivos da cidade.

O vereador Leonardo Giordano, presidente da Comissão de Comunicação e Cultura da Câmara de Niterói e autor do indicativo que sugeria a criação do Sistema Municipal de Museus; o presidente da Neltur, Paulo Freitas; e o diretor do MAC, Luiz Guilherme Vergara, completaram a mesa.

Durante a solenidade, o prefeito destacou a importância das parcerias entre as diferentes esferas de poder– municipal, estadual e federal -, e afirmou que Niterói vive uma grande fase na Cultura e que a Reserva Técnica Compartilhada, sem similares no país, vai se tornar realidade no município.

“Somos a cidade do Meio Ambiente, da Cultura, do Esporte e vamos transformar Niterói na cidade dos museus. Nosso município respira cultura e temos uma grande concentração de museus. Estão aqui o MAC, o Museu Antonio Parreiras, o Museu do Ingá, o Solar do

Jambeiro, o Museu de Arqueologia de Itaipu, a Casa de Oliveira Vianna, o Museu Janete Costa de Arte Popular, que reabrimos ano passado, além de vários espaços expositivos e de grande importância, como o Espaço Cultural dos Correios, recém-inaugurado, e o próprio Caminho Niemeyer”, ressaltou Neves.

De acordo com o prefeito, até 2016 o município terá mais três importantes museus: o da Ciência e Criatividade, no Caminho Niemeyer; o do Samba e Choro, em Jurujuba; e o do Cinema Brasileiro, em São Domingos, que vai contar com seis salas de cinema, um núcleo de produção, entre outras inovações. O chefe do executivo falou ainda sobre o “Encontro com a África”, que será realizado em Niterói no próximo ano (2015), que vai reunir centenas de artistas africanos.

O presidente do IBRAM, Ângelo Oswaldo, falou que Niterói dá exemplo ao lançar um Guia de Museus e o seu Sistema Integrado. “É um privilégio celebrar a SEMANA Nacional de Museus vendo iniciativas como essas. Estamos inseridos em um mundo que interage e estas ações facilitam a integração entre os museus”, afirmou o presidente do IBRAM, destacando a importância de Niterói ter um prefeito comprometido com a Cultura.

Ângelo Oswaldo falou ainda sobre a necessidade de a cidade ter uma Reserva Técnica Compartilhada. “Niterói é muito rica em acervos, coleções e museus. A criação de uma Reserva Técnica Compartilhada é totalmente adequada é muito importante”, finalizou.

Já o presidente da FAN, André Diniz, disse que o lançamento do Guia de Museus de Niterói é o pontapé inicial da política integrada adotada por essa gestão. “O Guia vai ganhar versões em inglês e espanhol antes ainda da Copa”, lembrou. Sobre a Reserva Técnica Compartilhada, o presidente da FAN, ressaltou que é fundamental para a cidade, que conta com diversos acervos, de épocas variadas e que fazem parte da história do país, do Estado do Rio e de Niterói.

O Sistema Integrado de Museus de Niterói visa aperfeiçoar a sinalização para as unidades, estimular que as agendas dos museus sejam complementares, facilitar o diálogo entre as instituições, promover o compartilhamento dos acervos, mostras conjuntas e atividades, além de melhorar o entorno das unidades. Já o material gráfico lançado corresponde a um mapa/

roteiro onde o visitante encontra informações sobre os principais locais de exposições de Niterói, além do circuito “Caminhos da Boa Viagem”.

ANEXO 02

O DIA - 19/07/2014

DA BOA VIAGEM AO INGÁ, ROTEIRO ABRANGE SEIS PRÉDIOS HISTÓRICOS

FUNDAÇÃO DE ARTES DE NITERÓI PRETENDE CRIAR CIRCUITO GUIADO QUE PERCORRE 150 ANOS EM MENOS DE CINCO HORAS DE CAMINHADA

Um circuito com seis museus, um vizinho do outro. Não. Não estamos falando de Paris, na França, ou de Florença, na Itália. Este privilégio CULTURAL está em Niterói e pode ser conferido em um passeio a pé pelos bairros do Ingá e da Boa Viagem. Bastam apenas de quatro a cinco horas para atravessar 150 anos de história, saindo de obras de 1860 e chegando às peças contemporâneas.

Acontece que, apesar das inúmeras atrações, este polo cultural tem atraído poucas pessoas. E é justamente para estimular as visitas que a Fundação de Artes de Niterói (FAN) pretende criar um circuito guiado pelos seis prédios históricos da região. A ideia é que ele aconteça de graça, uma vez por mês, a partir do MAC, COMO já ocorreu na 12ª Semana Nacional de Museus de Niterói, em maio.

Museu do Ingá tem um acervo de mais de quatro mil peças entre mobiliário e obras de arte. A visitação é gratuita “Foram MAIS de 100 pessoas. Íamos também contando a história das ruas. Os bairros por si só são museus a céu aberto”, diz a coordenadora de Educação do Museu do Ingá, Barbara Harduin.

Depois do moderno MAC, obra de Oscar Niemeyer, é descer o mirante em direção ao Museu Janete COSTA, típico sobrado português, de 1862. Com um acervo em formação, o velho casarão foi reformado e reaberto em 2013. Aí é só atravessar a rua para entrar no Solar do Jambreiro. Palco de eventos culturais, o prédio é uma atração à parte. As janelas, portas, o

jardim e até as telhas da casa fazem uma viagem pela história. construído em 1872, foi tombado pelo iphan em 1974 e aberto ao público em 2001, após ser restaurado.

A duas quadras dali, está o Museu do Ingá, de 1860, que já foi sede do governo do estado e por onde passaram 43 governadores. O local, aberto a exposições, possui um acervo de mais de quatro mil peças entre mobiliário e obras de arte. Ao lado dele fica a Sala José Cândido de Carvalho, referência em obras como fotografia, gravura e aquarela. Ela está no prédio da FAN. Presidente da entidade, André Diniz explica a vocação da região para as artes. “Aqui era uma área nobre, com bens bastante preservados. Temos uma diversidade de acervo, que vai do clássico ao contemporâneo”, disse. O passeio termina no museu Antônio Parreiras, dedicado a preservar a obra de um dos maiores pintores do Brasil. Tombado pelo Iphan, está em obras.

ANEXO 03

REUNIÃO ENTRE PREFEITURA E IBRAM DISCUTE CRIAÇÃO DE SISTEMA INTEGRADO DE MUSEUS NA CIDADE

Niterói, 02/04/2014

O prefeito de Niterói, acompanhado do presidente da Fundação de Arte de Niterói (FAN), André Diniz, recebeu o presidente do Instituto Brasileiro dos Museus (Ibram), Ângelo Oswaldo, a representante do Ibram no Estado do Rio de Janeiro, Vera Mangas, a Coordenadora do Sistema Estadual de Museus, Lucienne Figueiredo, e o diretor do Museu de Arqueologia de Itaipu, Pedro Heringer, na manhã desta quarta-feira (02/04), para tratar da criação do sistema integrado municipal de Museus e melhorias no entorno do Museu de Arqueologia de Itaipu.

Fã declarado de museus, o prefeito afirmou que vai transformar Niterói na cidade dos museus. “Nosso município respira cultura e temos uma grande concentração de museus. Estão aqui: o MAC, o Museu Antônio Parreiras, o Museu do Ingá, o Solar do Jambeiro, o

Museu de Arqueologia de Itaipu, a Casa de Oliveira Vianna, o Museu Janete Costa de Arte Popular, que reabrimos ano passado, além de vários espaços expositivos, como o Espaço Cultural dos Correios, recém-inaugurado”, ressaltou o prefeito.

De acordo com o prefeito, o município vai ganhar mais três museus: o do Cinema Brasileiro, em São Domingos; o da Ciência e Criatividade, no Caminho Niemeyer; e o do Samba e Choro, em Jurujuba. Durante o encontro, ficou determinado que o Sistema Municipal de Museus será lançado, através de decreto, no dia 15 de maio, às 11h, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), quando também será lançada uma folheteria com o roteiro dos museus de Niterói.

Sobre o Museu de Arqueologia de Itaipu, o chefe do executivo municipal lembrou que a Prefeitura tem realizado seguidos choques de ordem naquele local, contudo solicitou ao presidente da FAN, André Diniz, que seja formada uma força tarefa, envolvendo vários órgãos da municipalidade, para melhorar o entorno e dar mais visibilidade ao Museu, que representa um projeto vanguardista e está entre os sítios arqueológicos pré-históricos mais importantes do país. Segundo o presidente do Ibram, Ângelo Oswaldo, o Museu de Itaipu tem grande importância para região e está instalado no Recolhimento de Santa Teresa, instituição fundada em 1764, que completa 250 anos esse ano. “Readequar o entorno do museu é fundamental”, disse.

O presidente do Ibram falou ainda que o sistema integrado dos espaços museológicos e centros culturais da cidade vai promover o diálogo entre esses locais, ampliando a visibilidade de cada unidade. A iniciativa, resultado de uma parceria entre as três esferas de Governo (municipal, estadual e federal), com o Ibram, propõe aperfeiçoar a sinalização para os museus, organizar seus horários de funcionamentos e agendas, facilitar o diálogo entre museus e instituições afins, promover o compartilhamento dos acervos, mostras conjuntas e atividades museológicas, além de melhorar o entorno dos museus, através da valorização paisagística e ordenamento urbano.

ANEXO 04

SECRETARIA DE CULTURA LANÇA O PROJETO MUSA – REDE WEB DE MUSEUS

PROJETO VAI DISPONIBILIZAR GRATUITAMENTE SISTEMA DE GERENCIAMENTO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS PARA MUSEUS DO ESTADO

17.01.2014

Parceria do Clube da Cultura e da Superintendência de Museus da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, o Projeto Musa – Rede Web de Museus – será inaugurado com o colóquio “Museus em Rede”, Oi Futuro Flamengo (Rua Dois de dezembro, 63), no dia 21 de janeiro, às 19h. O evento tem patrocínio da Oi e apoio do Oi Futuro.

Presidente do Clube da Cultura, Miguel Gomes diz que “este é um projeto de infraestrutura que pode passar despercebido pelo público, como a tubulação que leva água às casas. Ninguém vê os tubos, mas sem eles as torneiras são inúteis. Quando a rede estiver completa, as pessoas sentirão os benefícios”.

O objetivo do Musa é disponibilizar gratuitamente para os museus do estado um sistema de gerenciamento de acervos museológicos (Sisgam) – totalmente online – desenvolvido pela Superintendência de Museus da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, que contou com a colaboração dos profissionais Carlos Henrique Marcondes e Luis Fernando Sayão, especializados em tecnologia da informação. A partir de uma catalogação padronizada e digitalização desses registros será possível fazer uma busca integrada nos acervos dos museus que compõem a rede, visitá-los pela internet e promover exposições virtuais com peças guardadas em museus de todo o estado. O Musa possibilitará também a gestão dos acervos museológicos, uma ferramenta importante de segurança e controle.

Elenora Machado, coordenadora de Museologia da Superintendência de Museus da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, responsável pela criação do Sisgam e coordenadora do Projeto Musa afirma que a integração “vai ser um grande avanço a adoção de padrões comuns para a catalogação dos acervos museológicos no estado. Hoje, cada museu estabelece

os seus critérios e isso gera bases de dados com formatos diferentes, o que impossibilita a troca de informações”.

A implantação do Sisgam se deu em 2009, também com patrocínio da Oi e apoio do Oi Futuro, e desde então é a ferramenta de documentação e gestão dos museus vinculados à Secretaria de Estado de Cultura: Museu Antonio Parreiras, Museu do Ingá, Casa da Marquesa de Santos, Casa de Oliveira Vianna e o Centro de Memória da Fundação Teatro Municipal.

Nesta segunda fase, a meta é a expansão para os demais museus e para coleções particulares. Formando a Rede Web de Museus – Musa. A Musa permitirá que os Museus aderidos ao sistema realizem o registro, a catalogação, a digitalização, o acompanhamento e o controle total de acervos, inclusive dos grandes e dos mais complexos, que podem chegar a mais de 100.000 itens numa única unidade, com peças de naturezas diferentes.

“Oferecer gratuitamente uma ferramenta como o Sisgam, que foi desenvolvida e testada pela SEC/RJ, traduz a nossa política para a área de Museus do estado do Rio de Janeiro, que precisa trabalhar cada vez mais de forma integrada, compartilhando conhecimentos e experiências de qualidade.

Essa é uma condição importante para o desenvolvimento institucional dos museus do Estado do Rio de Janeiro”, ressalta a Superintendente de Museus do Estado, Mariana Varzea. Ela explica ainda que os museus e instituições afins, públicas e privadas, poderão aderir à ferramenta, por meio de um processo seletivo que se dará no segundo semestre deste ano. Serão abertas 20 vagas em 2014 para instituições que necessitam organizar seu acervo, localizadas no interior do Estado. Nos próximos anos a previsão é ampliar a Rede Web para novas instituições.

ANEXO 05

MUSEUS DO RIO SERÃO LIGADOS POR REDE DIGITAL

Rio de Janeiro, 25/01/2014

Um sistema de gerenciamento de acervos museológicos será disponibilizado gratuitamente para os museus do estado. O projeto Musa – Rede Web de Museus vai permitir uma catalogação digital padronizada do acervo das instituições. Com isso, será possível fazer busca e visitas pela internet a todos os museus da rede, que poderão também montar exposições virtuais com peças e obras presentes em todas as instituições.

A superintendente de Museus da Secretaria de Cultura do estado (SEC), Mariana Várzea, explica que as oito unidades ligadas ao órgão utilizam o Sistema de Gerenciamento de Acervos Museológicos (Sisgam) desde 2009. Agora, a SEC planeja disponibilizar o sistema para integrar outras instituições. “O conceito é atender a pequenos museus do Rio, que hoje não dispõem de recurso para ter um sistema próprio de documentação de seus acervos. As instituições que aderirem à rede poderão também contar com o conhecimento colaborativo na construção de seus trabalhos e de seus desafios”, acrescenta Mariana.

Atualmente, cada museu tem seu próprio sistema, o que impossibilita o intercâmbio de informações. Outro fator que será reforçado com a rede é a segurança, já que a digitalização vai melhorar a gestão e o controle dos acervos. De acordo com a superintendente, a implantação em 2014 é um piloto para verificar a viabilidade do projeto. “É uma ideia inovadora. Do que a gente conhece, vai ser a primeira rede de um sistema colaborativo no Brasil, aberto a instituições públicas e privadas. Acho que a gente está dando um passo importante não só para as instituições se organizarem, mas também para que o público possa ter acesso on-line a essas coleções. Será possível, inclusive, atender às escolas, aos curadores, aos pesquisadores e a todos aqueles interessados”.

Mariana ressalta que o sistema é uma tecnologia desenvolvida pela Secretaria de Cultura, em parceria com o Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação do Estado do Rio de Janeiro (Proderj). O edital de seleção para adesão ao Sisgam será publicado no segundo semestre deste ano. Devem ser abertas 20 vagas para instituições do interior que queiram

organizar seus acervos. O Projeto Musa é uma parceria do Clube da Cultura e da Superintendência de Museus da SEC e foi inaugurado oficialmente nesta semana, com o Colóquio Fazer e Vender Cultura: Museus em Rede, no Oi Futuro Flamengo.

ANEXO 06

ICARAÍ, NA ZONA SUL DE NITERÓI, TEM O MELHOR IDH DO ESTADO DO RIO O PIOR ÍNDICE APONTADO EM ESTUDO DO PNUD FICOU COM O MUNICÍPIO DE JAPERI

O GLOBO - POR CÉLIA COSTA, 25/11/2014

Icaraí, em Niterói, tem o melhor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) mais uma vez. O bairro, que tem a população mais rica da cidade e está à frente de bairros do Rio, como Jardim Botânico/Parque Lage, São Conrado, Pasmado (que não é bairro) e Praia do Flamengo/Morro da Viúva. Na ponta extrema está o município de Japeri, com várias localidades nos últimos lugares. São elas: Colinas, Santo Antônio, Santa Amélia e o Complexo Penitenciário de Japeri, onde existem pessoas vivendo na linha da pobreza.

Os dados estão em levantamento divulgado nesta terça-feira pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). O cálculo é feito a partir de três indicadores: educação, longevidade e renda, em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e a Fundação João Pinheiro.

Em 2000, o bairro de Icaraí já ocupava o primeiro lugar da lista de melhores IDHs do Rio. Para a professora de Economia Brasileira da Universidade Federal Fluminense (UFF) Hildete Pereira, isso deve-se ao fato de o bairro concentrar um grande número de pessoas de classe média à alta, ter um índice de escolaridade alta e, como consequência, renda mais elevada.

— Diferentemente de bairros de classe alta do Rio, Icaraí não tem favelas na vizinhança. Como o nível de escolaridade e renda são indicadores que pesam na análise, o bairro fica sempre entre os primeiros. Já no caso de Japeri, a situação é homogênea. Assim, algumas localidades aparecem no extremo da lista — explicou Hildete Pereira.

De acordo com os dados, a maioria das UDHs de maior desenvolvimento encontram-se nos municípios de Niterói e Rio de Janeiro. Na outra extremidade, os valores mais baixos de IDHM são encontrados em UDHs localizadas nas áreas mais periféricas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, concentradas nos municípios de Itaboraí, Queimados e Japeri.

Ainda de acordo com o Ipea, houve uma dinâmica dos valores de IDHM da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. No período de 2000 a 2010, houve redução no número de UDHs com IDHM Baixo e Muito Baixo. Em contrapartida, nota-se que ocorreu a elevação no número de UDHs com IDHM Alto e Muito Alto. Segundo a análise, a performance das UDHs da Região Metropolitana melhorou no período.

ANEXO 07



Nesta tarde diferentes artistas conduzirão as experiências poéticas cruzando os Museu do Ingá, Museu Janete Costa de Arte Popular, Solar do Jambreiro, Ilha da Boa Viagem e o MAC de Niterói .

15 de dezembro de 2013
horário: 15h

Ponto de encontro: Museu do Ingá
Rua Presidente Pedreira, 78, Ingá Niterói.

Participações artísticas especiais:
Anita Sobar
Bárbara Boaventura Friaça
Dasha Lavrennikov
Ivar Rocha
Leticia Carvalho
Mariane Monteiro
Marrytsa Melo
Pierre Crapez
Tomaz de Aquino

Convidamos para um passeio de paradas inusitadas, vivenciando inesperados encontros com arte, poesia, dança, fotografia e performance, atravessando um percurso vivo, preenchido de histórias e memórias da Boa Viagem. Nossa caminhada percorre o interior de instituições, mas também desloca o olhar para a rua e seus lugares poéticos "invisíveis", coloridos por ações poéticas e intervenções cruzadas por diferentes linguagens artísticas.

Realização e concepção geral: alunos da Graduação em Produção Cultural da UFF
Colaboração na concepção artística - proposições artísticas – intervenções urbanas: alunos de Graduação em Artes da UFF.

apoio



realização



Email: museusniteroi@gmail.com
Gratuito - Serão distribuídas senhas com meia hora de antecedência.

Convite distribuído pela organização do evento “ Delírios Itinerantes da Boa Viagem”

Niterói, RJ: Delírios Itinerantes da Boa ViagemPublicado em dezembro 13, 2013 por [Tammy Beresford](#)

Fonte: jornal O Dia. Válido em 15.12.2013.

grátis**ARTENA RUA**

O evento 'Delírios Itinerantes da Boa Viagem' promove uma caminhada de encontros entre vários tipos de arte, pelas ruas do bairro localizado na Zona Sul de Niterói. **Museu do Ingá**. Rua Presidente Pedreira 78 (ponto de encontro), Ingá, Niterói. Domingo, às 15h.

APÊNDICE 01

Relatório do passeio com grupo focado realizado no dia 20/08/2014

O passeio foi realizado com um grupo de quatro pessoas, as quais são: Thamyres de Oliveira de 27 anos, nascida em Minas Gerais e moradora de Niterói a seis anos; Barbara Barreiros de 23 anos, estudante de direito, nascida no Espírito Santo e moradora de Niterói há 4 anos; Messias Barreiros, 50 anos, policial morador do Espírito Santo e Débora Barreiros de 9 anos. O passeio se iniciou às 16h, partindo do MAC. O intuito era realizar o trajeto me até 2h, dando um breve histórico dos espaços e suas arquiteturas, bem como relacionar com o processo de urbanização da região.

Embora não houve interferência no nosso passeio, foi interessante perceber a instalação de um ponto de informações turísticas no pátio do MAC, que já era algo constatado e criticado em observações anteriores. O ponto se instalou no local no período da copa e tem parceria com a prefeitura do Rio, o que pode apontar para uma falta de diálogo entre o governo municipal e a direção do museu, mesmo que sendo administrado pela NELTUR.

No caminho, os turistas sentiram falta de relacionar a paisagem com a história. Eles gostariam de saber como era a região antigamente, e quando mencionei que aquele trecho foi muito retradado pelo pintor Antonio Parreiras isso despertou interesse. Observamos as modificações urbanas sofridas no espaço e seguimos visitando o MJCAP e o Solar do Jambeiro, com visitas monitoradas muito interessantes e bem articuladas que buscam relacionar os dois espaços no que tange à história e arquitetura do lugar.

O percurso terminaria com a visita ao Museu do Ingá, porém este encerra suas atividades uma hora antes dos demais espaços. Quando chegamos ao lugar estava fechado. Mas reunimos no jardim e fizemos nossas considerações finais. Thamyres disse que já havia feito um circuito parecido no Rio de Janeiro, visitando o Jardim Botânico, o Parque Laje e a Vista Chinesa, porém por conta própria, sem nenhuma indicação previa, apenas por curiosidade. Embora tenha gostado do passeio acha que pode ter perdido muitas informações a respeito da história do lugar. Sobre o Circuito ela disse ter gostado muito e em comparação com o passeio anterior ela teve muito mais conhecimento, mas pelo fato de ter sido orientada.

O senhor Messias levantou uma questão interessante, pois ele disse que não sabia onde ficava o MAC, dado que foi corroborado pelos demais. Sendo um símbolo da cidade, ele acredita que ao chegar a Niterói não existe uma orientação nas rodoviárias para que se realize essa visita. Bárbara já havia feito esse trajeto por conta própria, mas com a visita orientada ela aprendeu muitas coisas e se encantou ainda mais com os espaços que já conhecia. Débora é estudante da rede pública da cidade e disse que já havia conhecido o MAC com a escola, mas seria muito bom se todos os seus amigos tivessem a oportunidade de conhecer a cidade desse jeito. Todos disseram que não sabiam que Niterói abrigava tantos museus e gostaram muito da ideia de conhecer tantos espaços em tão pouco tempo.

APÊNDICE 02

Relatório da visita com grupo focado realizada no dia 04/09/2014

Para esta visita foram escolhidos doze jovens de idade entre 18 e 22 anos do curso de estudos de mídia da Universidade Federal Fluminense. A visita começou com atraso de uma hora, em razão do mal tempo, e partiu do MAC. Houve uma demora além do previsto, pois o museu estava com a montagem de uma exposição da Lidia Clark, o que empolgou o grupo que ficou experimentando algumas sensações com as obras da artista, foi uma visita muito produtiva e empolgante ao museu.

Saindo dali fomos ao MJCAP, também o grupo ficou empolgado e encantado com o espaço, pois a maioria não conhecia o museu. Como o horário estava curto não demoramos muito ali, mas aproveitamos ao máximo a visita. E então chegamos ao Solar. Não poderíamos continuar mesmo com os demais espaços pois a hora estava avançada, então relaxamos lá. Os jovens se distraíram com lendas de fantasmas que rondam a casa o que foi particularmente muito divertido. Agradeço imensamente a esse grupo e sobretudo a professora Ana Enne que não só liberou a turma como fez questão de curtir o passeio.

Os alunos se declaram encantados sobretudo com o Solar, e as histórias de fantasminhas ainda renderam muitas risadas, inclusive em sala de aula. A conclusão desta visita é que em dias de chuva o circuito pode ser prejudicado; que este passeio não pode começar muito tarde, pois os

horários de funcionamento não estão padronizados e que pode ser cansativo caso os monitores dos espaços não sejam dinâmicos e rápidos.

APENDICE 03

Relatório da visita com o grupo focado 3, no dia 13/09/2014.

Esta visita foi realizada com dois casais de idade entre 26 e 39 anos. Tudo correu bem, exeto pelo fato de não visitarmos o MAC em função do valor do ingresso, o que acabou deixando parte do grupo frustrado. Mas a experiência não foi prejudicada, o mirante colaborou para que logo o grupo se empolgasse novamente. Seguimos de carros ate o MJCAP, e tentamos estabelecer uma relação com a historia da Boia viagem, mas é bem mais complicado quando se está de carro, porque o trajeto não tem boa sinalização e não há um material gráfico informativo. Seguimos o passeio que demorou mais que o normal, pois neste dia nos deparamos com monitores pouco dinâmicos.

O balanço foi positivo e quando perguntei se eles fariam o percurso a pé eles responderam que não, que era muito longe, mas um deles disse que gostaria de fazer de bicicleta. Essa ideia acabou sendo incorporada no projeto.

APENDICE 04

Entrevista com Solar do Jambeiro

1 - Comente um pouco sobre o espaço e sua história.

O Solar do Jambeiro é um espaço cultural (hoje, casa de cultura) dedicado a abrigar eventos que expressem as mais variadas vertentes artísticas e culturais. Foi desapropriado pela Prefeitura de Niterói em 12 de agosto de 1987, e, depois de uma reforma exemplar, foi aberto ao público em 22 de novembro de 2001. Inicialmente concentrado em exposições de artes visuais relativas ao paisagismo na pintura oitocentista, o Solar expandiu seu campo de ação a partir do ano de 2010 para abarcar também a Era Vargas, passando a priorizar não só a produção artística como a discussão dos temas ligados à arquitetura, design, urbanismo e à evolução político-social do Brasil. Considerada pela população niteroiense como a mais bela e

imponente construção oitocentista remanescente na cidade, o Solar do Jambeiro é reconhecido pelos estudiosos em história da arquitetura como um dos mais notáveis exemplos de arquitetura residencial de matriz portuguesa. Além do belo e aconchegante jardim de estilo típico das residências fluminenses do século XIX, o Solar do Jambeiro possui um orquidário à direita da casa e uma pequena reserva florestal à sua esquerda. O orquidário foi construído por iniciativa de Georg Christian Bartholdy depois de ter adquirido a residência de seu construtor, Bento Joaquim Alves Pereira, em 13 de dezembro de 1892.

2- Qual a média de público por mês, para visitaçãõ?

1.488 visitantes/mês (média da visitaçãõ de 2014) esse número inclui eventos

3- Qual sua maior dificuldade para administração do espaço?

Falta de investimentos em infraestrutura, equipamentos, manutenção, formação e qualificação de mão-de-obra. Desinteresse do Governo em manter o órgão como instrumento difusor de cultura, como vitrine de política cultural. Falta da visão de que pequenas ações de manutenção evitariam grandes reformas periódicas.

4- Você considera seu espaço bem divulgado?

Creio que o que se considerava boa mídia publicitária há cinco anos, hoje não é mais, o mundo é cada vez mais acelerado, as informações, cada vez mais voláteis, embora tardio, o fenômeno das redes sociais ainda vive um bom momento e o segredo da divulgação do Solar é o boca-a-boca, temos que considerar que ele é uma casa, uma residência, não uma construção preparada para receber milhares de pessoas por mês. Mas, é notório que a divulgação em Niterói ainda concentra o foco na Zona Sul, na classe A, quando penso que nossa programação poderia e deveria contemplar públicos mais variados.

5- Qual você considera o maior acerto da sua gestão?

O pensamento de que a gestão compartilhada e participativa de todos os membros da equipe, da administração, do apoio, da monitoria, enfim, todos são envolvidos, responsabilizados, empoderados, catalizados para a ideia do Solar do Jambeiro. Isso cria um ambiente mais livre e criativo.

6 - O que você melhoraria dentro do seu espaço?

Os recursos humanos, com cursos de formação e qualificação e com programas de incentivo.

Um programa intensivo de manutenção e cuidados com o Solar para que ele se tornasse uma Unidade Cultural impecável do ponto de vista físico.

A programação seria montada com base exclusivamente em editais com curadoria de experts das várias áreas do conhecimento.

7- Existe um bom diálogo com os espaços do entorno? Fale mais sobre isso.

Da parte do Solar, sempre houve abertura para compartilhamento de agenda, de programação, para que os eventos não coincidissem, como já ocorreu anteriormente. Mas, cada Unidade tem o seu gestor, cada gestor tem seu estilo e sua forma de pensamento. Por definição, diálogo é uma troca de ideias, opiniões e troca é uma via de mão dupla. Quando isso ocorrer, será realmente a integração tão desejada entre os espaços do entorno.

8- Quais são seus principais parceiros?

A direção da Fundação de Arte de Niterói, que nos apóia inteiramente e a classe artística com quem a interação se dá de forma harmoniosa.

9- As pessoas tem dificuldade de encontrar o seu espaço? O que poderia melhorar neste sentido?

Sinalização do trânsito. A reordenação dos postes para banners da nossa fachada principal facilitará bastante daqui para frente.

APÊNDICE 05

Entrevista com Victor de Wolf, no dia 03/11/2014

Como a FAN lida com espaços que não estão sob sua gestão?

Nós estamos tentando lidar através do Sistema municipal de museus. A Lei ainda não foi aprovada pela câmara pra a implementação do sistema, mas todos os diretores participaram da elaboração do sistema e mesmo os espaços que não estão sob gestão da FAN já sinalizaram

interesse em participar. Temos problemas como o MAP que está em obras, aberto somente para pesquisadores. E o museu do Inga pertence ao estado tem outra alçada e um acervo muito grande... Mas a relação é muito boa. A ideia do sistema é pensar uma programação conjunta, agenda conjunta, sinalização conjunta. O que acontece hoje é q as pessoas visitam o Mac. O Jambreiro é um polo de programação, mas o visitante vai ali não para visitaçao do espaço. O Mac é mais que um museu, é um mirante. A intenção é levar esse visitante aos outros espaços. Queremos também criar uma reserva técnica, ao lado do MAP, em terreno vazio que já foi comprado. Talvez com essa construção o diálogo melhore e avance as discussões museológicas em Niterói.

Como é a relação com os diretores dos espaços?

É sempre delicada. O diretor tem autonomia sob a gestão do espaço, mas não é uma autonomia plena. Ela acaba dependendo do orçamento público. Então, nem sempre as necessidades e prioridades do espaço ser atendidas conforme o desejo dos diretores. Tudo vai depender da liberação de recurso. É uma relação de dependência e autonomia. Mas mesmo assim, às vezes temos demandas que atropelam a direção. Por exemplo, nós teremos o “Encontro com a África”, então toda a programação previamente pensada pelos diretores vai ter que ser cancelada, porque este é um evento maior. De qualquer forma, nós procuramos estar atentos a ele, fazemos fóruns de debates com todos os diretores que são abertos a todos os interessados.

Porque o Mac cobra ingresso e os demais espaços não?

Na verdade nós oferecemos gratuidade a moradores e residentes de Niterói. Isso é parte de uma política de sustentabilidade do museu. O Mac recebe muitos turistas é o lugar mais visitado de Niterói, seguido pela fortaleza de Santa Cruz. Recebe inclusive turistas internacionais e para este o ingresso é muito barato, aproximadamente quatro dólares. É um museu que tem um acervo importante. Pode acontecer do morador de São Gonçalo ou do Rio não entrar, não querer pagar o mesmo que esse turista de fora, mas mesmo assim ele não perde a viagem, porque o museu não deixou de ser mirante. De qualquer forma, eu acredito que as pessoas acabam não entrando pelo museu causar uma ideia de afastamento, de distanciamento. Sou a favor de tirarmos as grades dos museus. Para ele ser um lugar acessível. Já outros espaços que não tem essa mesma visitaçao que o Mac podem acabar se

prejudicando se cobrarem ingresso. Nós estamos trabalhando e pensando soluções para essas questões.

Quais são os futuros projetos para esses espaços?

Estamos torcendo pelas obras do MAP acabarem, pois é uma pena, uma perda não ter esse acervo maravilhoso a disposição. O Antonio Parreiras foi um pintor que escolheu Niterói para pintar e isso é fabuloso. Ele fez seu movimento cultural aqui, mesmo sem ser daqui. Também o Museu do Ingá, esperamos que cada vez mais ele se abra para a cidade, uma vez que tem o maior acervo do estado, com a coleção Banerj e outras coleções de extremas importância para nossa história. Nós sempre tentamos dialogar com eles sempre, embora sejam gestões estaduais. No Solar do Jambeiro, nós temos a intenção de construir um café no jardim, para que as pessoas fiquem mais ali. Queremos ocupar aquele jardim. A visita não é só uma passagem pela porta, o interessante é quando se consome cultura, ficar ali. Queremos liberar o Wi-Fi ali, para que cada vez mais as pessoas conversem sobre cultura em ambientes culturais. Além disso, manter as programações culturais que fazem muito sucesso na região; construir a sala da memória, para as pessoas conhecerem mais sobre a história da casa. A meta é manter o Solar como essa referencia cultural em eventos, é o espaço que mais leva público para suas programações. No Janete Costa, é explorar o sentido da cultura popular mesmo. Valorizar, como já viemos fazendo, essas discussões e manter as exposições periódicas. E para o Mac é conseguir construir a reserva técnica. Na verdade esse é o grande desafio. Porque não é fácil conservar todas aquelas obras sem ter o espaço necessário. É claro que ele conserva, mas graças aos funcionários que são muito dedicados. O ideal é que haja um espaço para especialistas, para pesquisadores. Se alguém quiser pesquisar arte contemporânea no Brasil, vai ter que pesquisar a coleção Santamini, que está no Mac. Então é importante que haja um espaço adequado e organizado para essa pesquisa. E isso também acontece com outros museus. A reserva técnica vai facilitar muito as pesquisas de arte, além da conservação ideal. Pretendemos construir a reserva num terreno que já foi comprado e está estrategicamente localizado no coração destes museus, ao lado do MAP. Vai ser a primeira reserva técnica compartilhada do Brasil e aberta à visitação. E vai receber o acervo de todos os museus de Niterói, inclusive o museu de Itaipu. Está tudo em processo para que tão logo esse projeto siga em frente, nós já temos o terreno e o convênio, agora só falta a licitação. Está na meta do ano que vem. Outra meta é conseguir fazer o decreto do sistema municipal de cultura, que está na mão do prefeito para ser assinado, assim que tivermos o sistema teremos o plano

estadual de cultura e aí as metas poderão ser cumpridas em longo prazo, independente do governo que assumir.

Existe alguma integração ou projeto de integração para esses espaços?

Estamos fazendo reuniões sempre que possível buscando sempre maior diálogo. Ano passado conseguimos realizar os “Delírios Itinerantes da Boa Viagem”, e esse ano tivemos uma exposição também que trabalhou dialogando sobre a ditadura, no Museu do Ingá e no MAC. Vamos ter outra exposição conjunta também entre MAC e Museus do Ingá e agora com o Jambeiro, vai ser uma exposição internacional. Porque se a gente conseguir fazer o visitante do MAC visitar esses outros espaços vai ser muito rico. E também, se a gente consegue levar o morador de Niterói, que vamos dizer que vá ao Jambeiro (porque quem vai no Jambeiro é morador de Niterói), isso também é muito proveitoso. De acordo com as nossas pesquisas quem mais vai os MAC não é morador de Niterói. Conseguir fazer essas pessoas andarem na Boa Viagem, pois esse é um passeio que dá pra ser feito a pé. Para isso a gente tem que melhorar a sinalização de trânsito, calçadas, acessibilidade, iluminação... Enfim... Hoje nós não temos isso. Mas todos nós, diretores também, temos a vontade, isso já é um bom caminho.

Qual você considera ser o maior acerto da sua gestão?

Os editais. Conseguir acabar com a lógica de balcão de negócios da cultura. Isso é um acerto e eu insisto nessa política. Sou muito a favor da política de democratização do acesso, tanto a pauta quanto ao recurso. Vamos ampliar mais e mais. Fizemos editais para pautas do Municipal, para exposição no Jambeiro e MAC, para teatro infantil, o Arte na Rua, para ocupação de academias de balé, para pintar de praça, para material gráfico... Enfim, queremos chegar as cem por cento em todas as áreas e espaços. Queremos incentivar a arte pública, painéis públicos... Grafite em pontos de ônibus... Estamos avançando. Mas estamos com um déficit de 20 anos nas políticas de editais públicos se considerarmos o primeiro feito pela Marilena Chauí em 89, quando foi secretária de cultura em São Paulo. As pessoas estavam acostumadas a vir no balcão, sempre foi assim aqui em Niterói. É difícil mudar uma cultura política.

Se você pudesse mudar algo na cidade, no âmbito cultural, o que seria?

Criar um centro cultural fora do eixo centro sul. Isso é fundamental. Mas do prisma dos equipamentos que estamos falando, seria melhorar o organograma. Dividir as funções. Atualizar as equipes. Criar diretorias temáticas, não pode o administrador dar conta de curadoria, programação... Acredito que o Mac precisaria de um setor voltado para literatura, outro para teatro, outro para artes plásticas... Enfim. Melhorar as estruturas.

Quais são seus principais parceiros?

Para execução dos eventos, nós temos como parceiros alguns entes privados. São parcerias benéficas para os dois lados. Alguns deles são o SESC, o SESI, o IBEMEC. Além de outras secretarias como de esportes, de educação, de conservação urbana, a NELTUR. Mas o grande desafio é conseguir convencer o gestor público. Isso é fundamental. Conseguir fazer o prefeito entender que cultura é importante, que ela traz benefícios é algo bem diferente do que eu já vivi em outros governos que participei. Se não tiver isso na gestão sempre vai ser mais difícil. Sem a decisão do governante nada acontece. Sem vontade política nada acontece.

APÊNDICE 06

ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 11 DE SETEMBRO, COM BÁRBARA HARDUIM, MUSEU DO INGÁ.

Qual a média de público no museu por mês?

O público vai variar de acordo com a programação

Você considera seu espaço bem divulgado?

Não, acredito que falta um plano de comunicação. A Superintendência de museus do estado está trabalhando num projeto de requalificação e vocacionamento do museu. Será criada uma nova marca e o reposicionamento do museu.

Quais são seus principais parceiros?

Na educação temos algumas instituições parceiras, a saber: a Universidade Federal Fluminense, algumas creches e escolas do entorno, algumas coordenações da Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria municipal de Cultura.

As pessoas tem dificuldade de encontrar o seu espaço? O que poderia melhorar neste sentido?

Não o museu é de fácil acesso e está localizado na via principal do bairro com um ponto de ônibus na esquina.

Qual a razão do Museu do Ingá encerrar seu expediente antes dos demais espaços do entorno?

O Museu do Ingá é uma instituição vinculada à Secretaria Estadual de Cultura e segue o horário determinado pela Superintendencia de Museus. Já os demais museus e centros culturais estão vinculados a Secretaria Municipal de Cultura. Porém nada impede de trabalharmos com a perspectiva de umj horário único para as instituições que integram o corredor cultural dos bairros da boa viagem ao Ingá.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 12/12/2014

Eu, **MARIANA FERNANDES BERTO ROLLIN PINHEIRO**, CPF 124.000.477-07 formando(a) do curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada “**CIRCULT – PROPOSTAS PARA UM CIRCUITO CULTURAL EM NITERÓI A PARTIR DA INTEGRAÇÃO DE SEUS ESPAÇOS CULTURAIS**”, defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF



MARIANA FERNANDES BERTO ROLLIN PINHEIRO